



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

DERMEVAL DA HORA OLIVEIRA

UMA VIDA, VÁRIAS HISTÓRIAS, VÁRIAS METAS: UM CAMINHO
PERMEADO PELA DIVERSIDADE

JOÃO PESSOA - PB

2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

DERMEVAL DA HORA OLIVEIRA

UMA VIDA, VÁRIAS HISTÓRIAS, VÁRIAS METAS: UM CAMINHO
PERMEADO PELA DIVERSIDADE

Memorial Descritivo apresentado à Comissão Permanente de Pessoal Docente – CPPD/PROJEP – da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para o processo de avaliação para fins de promoção à classe “E” da carreira do magistério superior na Universidade Federal da Paraíba.

JOÃO PESSOA – PB

2015



DERMEVAL DA HORA OLIVEIRA

**UMA VIDA, VÁRIAS HISTÓRIAS, VÁRIAS METAS: UM CAMINHO
PERMEADO PELA DIVERSIDADE**

BANCA EXAMINADORA

(Presidente)

(Membro Titular)

(Membro Titular)

(Membro Titular)

(Membro Suplente)

(Membro Suplente)

AGRADECIMENTOS

Para não correr o risco de ser injusto, não vou citar nomes. Agradeço, de forma bem geral, a todos aqueles que contribuíram para que eu chegasse onde cheguei, se é que já cheguei. Não foram poucos, cada um a sua maneira, acrescentando sempre algo. Todos eles saberão que foram contemplados.

Cada um de nós compõe a sua história

Cada ser em si

Carrega o dom de ser capaz

E ser feliz.

Almir Sater

IDENTIFICAÇÃO

DERMEVAL DA HORA OLIVEIRA

Matricula Siape: 337.212

Data de Nascimento: 06/08/1951

Nacionalidade: Brasileira

Natural de: João Pessoa - PB

Estado Civil: Solteiro

Av. Severino M. Spinelli, 131/ 1002 - Tambaú

João Pessoa – PB – CEP 58.039-210

Registro de Identidade: 2754461 – SSP-PB

CPF: 082.815.995-53

E-mail: dermeval.dahora@gmail.com

Plataforma *Lattes*: <http://lattes.cnpq.br/2430513636208029>

Sociedades científicas a que pertence:

Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste/GELNE (Conselheiro), Associação Brasileira de Linguística/ABRALIN (Conselheiro), Associação de Linguística e Filologia da América Latina /ALFAL (Delegado para o Brasil).

FORMAÇÃO

Graduação: Licenciatura em Letras, em 27 de agosto de 1976, pela Universidade Federal da Bahia /UFBA.

Pós-Graduação *Lato Sensu*:

Especialização em Língua Portuguesa, em 24 de fevereiro de 1978, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras - PB;

Pós-Graduação *Stricto Sensu*:

Mestrado em Letras, em 29 de novembro de 1983, pela Universidade Federal da Paraíba /UFPB;

Doutorado em Letras, na Área de Linguística Aplicada, em 15 de janeiro de 1991, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul / PUCRS.

RESUMO

O presente Memorial atende ao requisito do processo de avaliação para progressão funcional da classe de Professor Associado IV para Professor Titular da Universidade Federal da Paraíba/UEPB, fundamentado na Lei nº 12.863, de 24 de setembro de 2013, e na Resolução nº33/2014. Início o memorial, apresentando dados da minha formação acadêmica desde as séries iniciais até chegar à pós-graduação. O texto está construído em partes, cada uma delas constituindo um tipo de atividade: pesquisa, ensino e administração.

ABSTRACT

This report fulfills a requirement of the evaluation process for career progression as Associate Professor Class IV at Universidade Federal da Paraíba, in compliance with Federal Law 12.863 of September 24, 2013 and Resolution 33/2014. This report details my education development from elementary school to graduation. The text is divided into parts, each of them consisting of a type of activity: research, teaching and administration.

SUMÁRIO

	Pág.
APRESENTAÇÃO	10
O INÍCIO DE TUDO	12
1992 – UMA NOVA FASE	19
ATIVIDADES DE PESQUISA	19
A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	19
VARIAÇÃO, ESTILO, ATITUDE E PERCEPÇÃO	28
SOBRE VARIAÇÃO	28
SOBRE ESTILO	31
SOBRE ATITUDE	36
SOBRE PERCEPÇÃO	43
OBJETIVOS E METODOLOGIA	45
ATIVIDADES DE ORIENTAÇÃO	50
OUTRAS ATIVIDADES DE PESQUISA	59
OUTRAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63

APRESENTAÇÃO

Esse memorial contempla parte de minha vida, tanto pessoal como profissional, uma vez que elas estão entrelaçadas. Acredito que esse cruzamento de experiências tinha que acontecer e todos os fatos da minha vida, de certa forma, contribuíram para isso. As dificuldades vividas, no início, por ser de origem humilde, me colocaram num caminho do qual, dificilmente, poderia fugir.

Neste memorial, traço o começo de tudo, mostrando, de forma sintética, como foi minha formação desde as séries iniciais, meu começar naquela pequena cidade do interior. Já ali, a diversidade me perseguia, até mesmo na formação escolar: freiras, padres e protestantes cruzaram meu caminho. Foram três tendências religiosas que moldaram minha formação e que possibilitaram uma escolha bem pessoal, pois sempre entendi que as experiências alheias nos mostram caminhos, mas a escolha final é só nossa, pois cada experiência é uma experiência.

Fui sempre responsável pelos meus próprios atos. Aos 19 anos tive que tocar minha vida, definir uma profissão e um caminho. Os sonhos ficaram para trás, lá em Jaguaquara, na Bahia. Enfrentar a cidade grande e os desafios não me amedrontaram. Toquei em frente, procurando construir minha própria história. É esse percurso que mostro na parte que denominei O INÍCIO DE TUDO. Relato minhas experiências desde a formação básica até a superior, incluindo minha inserção no ensino universitário, minha formação em nível de pós-graduação *lato e stricto sensu*.

Sair da Bahia, mais especificamente de Vitória da Conquista – UESB, e ir para João Pessoa – UFPB representou um marco na minha vida. Em 1992, começou uma nova fase, nem tanto em nível de ensino, mas em nível de algo que parecia estar no meu sangue: a pesquisa.

Relato, com certo detalhe, o projeto que norteou toda minha vida profissional ao longo desses anos, e que ainda hoje define o meu trabalho. O Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba – VALPB, de base variacionista, possibilitou-me conhecer mais de perto, não só como o falar paraibano se distingue de outros falares brasileiros, mas também o que ele tem de comum com os demais.

As três fases que o compõem estão detalhadas, principalmente a primeira e a última. A primeira que marca a coleta de dados; a última, que traz novas tendências nos estudos variacionistas, envolvendo outras perspectivas de análise. Além da descrição do projeto na sua concepção teórica, esboçamos aos objetivos e a metodologia.

Numa seção específica, detalhamos os trabalhos de orientação que foram fruto do VALPB, em nível de teses, dissertações, iniciação científica e outras produções a ele relacionadas.

Também, em nível de pesquisa, apresentamos uma descrição de outros projetos que coordenamos, todos eles financiados. Um deles, de que participamos em nível nacional, o Projeto Para a História do Português Brasileiro, envolve pesquisadores de diferentes universidades.

Finalizando o memorial, apresentamos, de forma sintética, outras atividades profissionais, principalmente aquelas que assumimos enquanto coordenador, seja em programa de pós-graduação, seja na coordenação da Área de Letras e Linguística.

Coordenar a Área de Letras e Linguística significa atingir um status profissional nem mesmo pensado por mim em tempo algum de minha vida, muito menos na minha infância, momento que se perdeu no tempo, mas que deixou marcas jamais apagadas.

O INÍCIO DE TUDO

Minhas lembranças de um passado que ficou para mais de 50 anos atrás levam-me a uma pequena cidade do interior da Bahia: Jaguaquara. Descendente de avós que tiveram uma grande prole, foram 22 filhos, cresci numa reduzida família de apenas quatro pessoas: minha mãe, Leonor da Hora; meu pai, Almiro; e minha irmã, Carmosina (Moza). Cresci Val, em alguns momentos Dernal e só aos 12 descobri que meu nome era Derneval.

Em Jaguaquara, realizei toda minha formação básica. No Ginásio Luzia Silva, administrado por freiras, fiz o primário; no Pio XII, Ginásio de padres franciscanos, fiz o ginásio; e, no Colégio Taylor Egídio, Colégio Batista, fiz o científico. Como se pode observar, a diversidade religiosa foi grande.

Comecei a pensar no que gostaria de ser quando crescesse já no segundo ano primário: queria ser juiz. Advogado não me contentava. O esposo da Professora Luci, mestra muito admirada por mim, era juiz. E eu o achava o homem mais importante daquela pequena cidade que não tinha mais de 15 mil habitantes. Inúmeras vezes fui a casa deles, pois era eu que, orgulhosamente, levava os cadernos da turma para ela não carregar peso. Lá sempre fui muito bem tratado. Assim surgia minha vocação. E foi ela a pessoa que um dia me disse que “homem pisa forte”. Na época não entendi, ou não quis entender? Devia ter uns oito para nove anos. Isso me marcou tanto, que nunca esqueci. Eu “rebolava” muito ao andar, e isso não era coisa de homem.

Passou o tempo, a professora Luci e seu esposo foram embora para Salvador, mas sempre sabia notícias suas, pois ela também sempre perguntava por mim. Ela ensinou-me muita coisa sobre a vida, e as suas recomendações me acompanham até hoje.

Terminei o primário sem completar os cinco anos, pois fiz o Exame de Admissão, exigência para cursar o ginásio, no quarto ano. Fiz banca com a professora Nita e fui aprovado. Tive, então, que mudar para o Ginásio Pio XII. Até então eu era DERNIVAL.

O ginásio trazia-me a novidade de ter, para cada disciplina, um professor. As disciplinas de que eu mais gostava: português, inglês, francês e matemática. Também era apaixonado por história, principalmente história antiga. Na minha inocência, admirava as monarquias – reis, rainhas, príncipes, princesas, castelos povoavam minha fértil imaginação. Lia tudo que encontrava relacionado a esses temas. Era um mundo de sonho e eu me inseria nele. Já admirava os grandes heróis.

As minhas aulas de português do primeiro ano de ginásio não foram marcantes, nem sequer lembro quem foi a professora. Meu trauma era encontrar o sujeito da oração, coisa difícil para a época. É possível, com isso, dizer que nossas aulas eram apenas de gramática normativa. No segundo ano, tive a felicidade de ter como professores Frei Joaquim e Frei Lucas, o primeiro foi o responsável por tornar-me DERMEVAL; o segundo, por mostrar-me algo além da gramática, a possibilidade de estudar não só a língua, mas também a literatura. Dever de casa: ler o Navio Negreiro de Castro Alves, e pesquisar a história de todos os nomes próprios ali encontrados. Uma das tarefas mais agradáveis para mim. Ingressei na mitologia grega e mais uma vez vivi minhas fantasias, dessa vez saí dos palácios e fui para as aventuras de deuses e heróis. Acredito que a isso devo meu interesse, hoje, pelos filmes épicos.

“Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus,
Se eu deliro... ou se é verdade
Tanto horror perante os céus?!...
Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
Do teu manto este borrão?
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão! ...”

... nunca esqueci. São versos fortes do poema épico de Castro Alves.

Estudar Inglês e Francês era um prazer imenso, fazia-me ver outras línguas e possibilidades de voar para outro mundo. Infelizmente, não tive a oportunidade que muitos tiveram e têm. A condição financeira de minha mãe não permitia que eu pudesse participar de um intercâmbio, algo que me frustra até hoje, porque meu pai nos deixou muito cedo, eu tinha apenas 10 anos quando ele, acometido de uma enfermidade que hoje seria facilmente combatida, se foi. São poucas as lembranças que tenho dele.... eu lembro apenas do seu ar cansado chegando em casa. Minha mãe sempre a pessoa forte que conheci.

Minha experiência no Pio XII alicerçou minha vida e acentuou minha vontade de querer ser juiz. O professor Talma, que ministrava OSPB (Organização Social e Política Brasileira) tinha em mim um grande fã. Nos seus 1,90 de altura, na sua maneira de ser, eu passava as aulas admirando-o, ele era advogado. O Pio XII mostrou-me também outras possibilidades, foi lá que, adormecidamente, exercia, sem saber, minha aptidão para ser

professor. Era sempre eu quem ensinava matemática para meus colegas, quando tínhamos que estudar para prova.

Foi nessa época também que comecei, depois de O Navio Negreiro, a interessar-me por literatura. Mergulhava no mundo mágico das palavras. Olhava para os livros e ficava imaginando quantas histórias cada um deles traziam. Quantas vidas eram diferentemente vividas. A leitura era a possibilidade de sair daquela cidade pacata do interior da Bahia e conhecer outros mundos. Era a fuga do meu mundo sem amigos. Era nos livros que estava a minha vida. Foi prazeroso ler José de Alencar logo cedo, depois Machado de Assis, Érico Veríssimo, Tomás Antônio Gonzaga e outros. Desses dois últimos, respectivamente, fiz adaptação para o teatro de Música ao Longe e Marília de Dirceu, quando exercitei, minha vocação teatral. Porém, minha grande paixão eram as histórias de Alexandre Dumas, de Victor Hugo, esses, sim, levavam-me para um mundo onde me sentia parte dele.

Foi ainda no Ginásio que tive a oportunidade de sair de Jaguaquara para conhecer outros lugares. Fui pela primeira vez a Salvador. Fiquei encantado com a cidade. No último no Ginásio, nossa turma fez uma excursão para o Rio de Janeiro. Éramos uns 20 alunos, acompanhados por três professores: a professora Carmélia, a professora Roquenilda e o frei Mariano. Recomendação da professora Carmélia: “cuidado que no Rio de Janeiro há muitos homens que gostam de homens”, achei que o recado era para mim e para outro colega. A viagem aconteceu sem muitos incidentes. Foi uma experiência excelente, mas o comportamento homofóbico de alguns colegas fez-me começar a pensar melhor minha vida.

Concluído o ginásio, tive que ir para o Colégio Taylor Egídio. Deixava para trás a minha vida com os católicos e ia passar a estudar em um colégio protestante. Colégio nacionalmente conhecido, responsável que era por receber em seu regime de internato filhos de famílias economicamente bem estabelecidas. O colégio administrado por Charles Dubois era conhecido pelo rigor da disciplina imposta a seus alunos.

O científico representava também uma mudança nas disciplinas. Passei a estudar Física e Química, uma novidade para mim. Era o científico que nos preparava para o vestibular, e essas disciplinas eram fundamentais. Foi no científico que tive um dos melhores professores de Português: Mário Moreira. Purista inveterado que nos fazia tremer cada vez que falávamos, pois o medo de errar era muito grande. Dele devo ter herdado o meu interesse pelo ensino de Língua Portuguesa que aflorou mais tarde. Ele foi o grande responsável por ter podido concluir o científico nesse colégio exemplar.

No segundo ano científico, minha mãe disse que não tinha mais condições de manter-me no colégio, pois o alto custo não estava ao seu alcance. Em vista disso, eu deveria deixar o colégio e começar a trabalhar. Foi o Professor Mário Moreira que me presenteou com uma bolsa de estudos e, mais do que isso, deu-me a farda para o colégio e todos os livros necessários. Isso para mim foi a “morte”. Cada vez que o encontrava, ficava pensando que ele deveria olhar para mim e dizer para si mesmo: “- fui eu quem deu a farda e os livros que ele está usando”. Isto perseguiu-me até o último ano do científico.

Em 1969, terminei o científico. Com isso, ou ia para Salvador fazer faculdade ou ficava em Jaguaquara trabalhando com minha mãe, levando a vida pacata de todos que me arroteavam. Não era isso que queria. Meu sonho era ser alguém, ser famoso longe dali. Sempre dizia para mim mesmo: um dia quero ser famoso, quero ver meu nome em livros.

Deixando para trás minha querida mãe, maior amor de minha vida, fui para Salvador fazer vestibular para Direito. Já àquela época, os cursinhos formavam os candidatos à universidade, e essa oportunidade eu não tive. Não fui aprovado no vestibular e com isso, dei por finalizado o meu sonho de ser juiz. Queria entrar na universidade, e vi em Letras a melhor possibilidade, pois a concorrência era baixa. Fiz vestibular em 1971, fui aprovado e ingressei na Universidade Federal da Bahia para fazer Letras em 1972. Tive que conciliar trabalho e estudo, o que não foi fácil. Meu primeiro emprego foi no Banco Comércio Indústria de Minas Gerais, uma lástima, pois nunca me senti bem. Na primeira oportunidade, fui demitido.

Aos poucos fui gostando do curso e a ele me dediquei. Em 1973, já começava a dar aulas, e aí vi que minha vocação mesmo era ser professor. Por incrível que pareça, não comecei dando aulas de Português, dava aula de Desenho e Francês numa escola da periferia de Salvador. Só no segundo ano me convidaram a ministrar as aulas de Português. Em pouco tempo, lecionava em mais de uma escola, precisava ganhar algum dinheiro, pois minha mãe não tinha condições de manter-me.

Lá, em Jaguaquara, minha mãe continuava trabalhando em seu comércio, preocupada sempre com seu filho numa cidade grande. Ela era a minha razão de querer ser alguém, pensava sempre em poder retribuir tudo que ela fez por mim. Seu sonho era que eu terminasse o Curso de Letras e fosse trabalhar em Jequié, cidade que ficava a 50 km de Jaguaquara. Todas as minhas férias voltava a Jaguaquara para ficar com minha mãe. Ainda hoje me vêm as nossas lembranças. Sentado na varanda da casa de minha irmã, minha mãe sentada ao meu lado e eu passando a mão pelo seu sedoso cabelo. Tinha

ela 59 anos. Foram minhas últimas férias com ela. No dia 1º de maio de 1975, voltando da escola em que dava aula, a dona do pensionato em que eu morava procurou-me para dizer que alguém telefonara, dizendo que minha mãe tinha tido um derrame e que estava hospitalizada e que eu fosse com urgência para Jaguaquara. De ônibus, foram as 5 horas mais tristes e mais longas de minha vida. Um filme de terror, o terror de imaginar que já poderia estar morta quando eu lá chegasse. Isso não aconteceu, mas ela estava em coma, de onde nunca saíra por dois dias antes de deixar-me para sempre. Vi-me só de repente, sabendo que dali para a frente só poderia contar comigo mesmo.

Em 1976, terminei o curso de Letras, a essa altura já dava aulas em vários lugares. Em colégios e cursinhos. Mas não era bem isso que queria, não queria ser um simples professor de ensino médio, repetia sempre para mim.

Numa tarde de um dia qualquer do mês de março, saí para andar um pouco pela cidade. De repente, descendo pela Rua Carlos Gomes em Salvador, encontrei uma colega do Curso de Letras. Ela estava indo ao Departamento de Ensino Superior e Aperfeiçoamento de Pessoal da Secretaria de Educação saber informações sobre um recrutamento de professores para trabalhar na Faculdade de Formação de Professores de Jequié (FFPJ). Decidi ir com ela. Essa minha ida mudou totalmente minha vida. Providenciei os documentos necessários e acabei realizando o sonho de minha mãe, que era ter-me trabalhando perto de onde ela morava, em Jequié. A escolha da disciplina para lecionar não foi minha, pois se tivesse que escolher, àquela época, escolheria Literatura. Indicaram-me para fazer uma Especialização em Língua Portuguesa, pois essa era a disciplina que eu iria lecionar. A Especialização foi em Cajazeiras, uma cidade do interior da Paraíba. Todos os caminhos, deterministicamente, decidiriam meu futuro posterior. Terminado o primeiro módulo da Especialização, fui contratado pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Bahia para trabalhar em Jequié. Assim ingressei no ensino superior. Estávamos em 1977.

Era eu o único professor de Língua Portuguesa da FFPJ. Professor de todas as disciplinas relacionadas à língua. Era competente no que fazia e rigoroso nas cobranças. Essa minha fama espalhou-se rápido entre todos os alunos. Na cidade, além de trabalhar na Faculdade, dava aulas de português no Colégio Polivalente e no melhor colégio particular da cidade – Centro Educacional Ministro Espínola. Tempo bom. Na cidade, tornei-me conhecido e citado por muitos. Mais ainda, quando, com minha querida colega Josefina, professora de Psicologia, alugamos um apartamento e fomos morar juntos. Nossas festas famosas reuniam alunos, professores, funcionários e mais amigos da cidade.

Na primeira delas, foi afixado um regulamento no prédio... Minha vida pessoal refletia o prazer com que eu tocava minha vida profissional. Era apenas um professor, minha atividade principal era o ensino. Mantinha adormecida, ainda, aptidões que só mais tarde aflorariam.

Em 1980, um novo caminho arrebatava minha vida. Decidi sair para cursar o Mestrado. Pela minha experiência e convivência tão feliz em Cajazeiras, época na qual conhecera Socorro Aragão, escolhi a Universidade Federal da Paraíba, onde ingressei no Programa de Pós-Graduação em Letras. Mudei-me para João Pessoa e lá vivi uma importante fase de minha vida. Comecei, então, a ter o primeiro contato com a pesquisa, propriamente dita. Novas disciplinas cursadas, contato com teorias até então pouco trabalhadas. Foi com Socorro Aragão que tive minhas primeiras aulas de Fonética e também com a Dialectologia. Passei apenas um ano em João Pessoa, tempo suficiente para a conclusão dos créditos. Voltei para Jequié, onde terminaria minha dissertação. O trabalho era voltado para análise do livro didático. Não gostei do que fiz, tanto é que nem sequer me lembro do título. Está num passado mais distante do que minhas lembranças do primário.

Em 1984, por razões pessoais, decidi dar um novo rumo em minha vida. Transferi-me para Vitória da Conquista, onde funcionava a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, que reuniu três campi, o de Vitória da Conquista, o de Jequié e o de Itapetinga. Novas experiências, novos amigos e maior dedicação à universidade.

Em 1986, candidatei-me ao doutorado na PUC do Rio Grande do Sul. Fui aprovado e mudei-me para Porto Alegre, onde passei cinco belos e produtivos anos de minha vida. Levava comigo uma vaga ideia do que eu gostaria de desenvolver como tese: trabalhar com as vogais do português, usando como pressuposto a Sociolinguística Variacionista. Santa ingenuidade. Meu contato com a Professora Leci Barbisan, aquela que seria minha orientadora, fez-me mudar de ideia. Poderia, sim, trabalhar com a Sociolinguística Variacionista, mas teria que melhor delimitar o tema. Foi aí que decidi trabalhar com a palatalização das oclusivas dentais na comunidade de Alagoinhas – Bahia.

Com as aulas de Leci, fui apaixonando-me pela Sociolinguística. Como o tema era de fonologia, tinha que procurar algum especialista no assunto. E assim, chego a Leda Bisol. Dois grandes nomes, duas grandes pesquisadoras: Leci e Leda. Precisa de melhor orientação? Além das disciplinas da PUC, tive a oportunidade de fazer todas as disciplinas que a Professora Leda oferecia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Definido

o recorte do projeto, viajei para Alagoinhas, fiz a pesquisa de campo e voltei para Porto Alegre. Não foi tão simples como parece, mas foi prazeroso fazer tudo que fiz. Dados coletados, dados transcritos, dados armazenados. E a análise? A base era o pacote variacionista. Lá vou eu a São Paulo para receber orientação do maior sociolinguista da época: Fernando Tarallo. Nome bastante conhecido na área e referência não só nacional. Foi com ele que me familiarizei com o VARBRUL, programa estatístico que calcula a probabilidade de ocorrência das variantes. Foi com Leda Bisol que me iniciei nos estudos da Fonologia Autossegmental. Ela acabara de voltar dos Estados Unidos cheia de novidades, trazendo consigo o que existia de mais novo na teoria fonológica. Esse é meu orgulho: fui o primeiro a usar a Fonologia Autossegmental associada à variação. Foi com Leci que preparei para usar a proposta variacionista. Seu fascínio por William Labov, principal nome da Sociolinguística Variacionista, contagiou-me. Assim estava munido de tudo que precisava para escrever meu trabalho. Mãos à obra! No dia 21 de novembro de 1990, defendi minha tese. No início de dezembro, retorno a Vitória da Conquista para retomar minhas atividades na UESB.

Já não era mais o mesmo. Mudara intelectualmente para melhor. Não queria dedicar-me ao ensino, queria ser também pesquisador: acho que estava pronto. O doutorado abriu-me novas perspectivas. Conhecera pessoas influentes na área dos estudos linguísticos. Já em 1991, encaminho ao CNPq um projeto de pesquisa voltado para a variação na comunidade de Vitória da Conquista. Avaliado e aprovado, mais um passo decisivo da minha vida: tornei-me bolsista de produtividade daquela Agência.

Na minha banca de Doutorado, conheci Giselle Machline de Oliveira e Silva, sociolinguista competente, professora da UFRRJ. Usei seu contato e levei-a a Vitória da Conquista para discutirmos o projeto a ser desenvolvido. Esboçamos a metodologia e começamos o trabalho. Paralelo a isso, fui nomeado Gerente de Pesquisa e Pós-Graduação da UESB. Cargo que me abriu muitas portas, pois sempre estava viajando, e, em cada viagem, procurava novos contatos, foi assim que conheci Marta Scherre e Stella Maris Bortoni-Ricardo. Esta última, Coordenadora do GT de Sociolinguística da ANPOLL, viabilizou o meu ingresso para o GT e a possibilidade de conhecer inúmeros pesquisadores, hoje grandes colegas.

Minha primeira participação no GT se deu em 1992, momento doloroso para todos. Fernando Tarallo, prematuramente se foi, deixando um grande vazio na área de Sociolinguística.

Com novos contatos e novas perspectivas de trabalho, entendi que viver em Vitória da Conquista era pouco para mim. Tinhas grandes amigos, um bom ambiente de trabalho, mas queria mais. Como disse antes, eu queria ser famoso, queria ser conhecido, e entendia que ali não tinha o espaço de que precisava. Assim, em maio de 1992, resolvi fazer concurso para ingressar na Universidade Federal da Paraíba. Era um sonho que se realizaria, pois sempre fui apaixonado por João Pessoa. Poderia ter ido para outra universidade. Havia muitos concursos, mas só me interessava por João Pessoa. Assim, após aprovação no concurso, em dezembro de 1992, ingressei na UFPB.

1992 – UMA NOVA FASE

Ao ingressar na UFPB em 1992, consegui manter-me como bolsista de produtividade do CNPq e trouxe ainda a disponibilização de duas bolsas de iniciação científica, a serem concedidas a alunos que participaria do meu projeto de pesquisa. Trouxe comigo a enorme vontade de trabalhar no ensino e na pesquisa. E assim aconteceu.

ATIVIDADES DE PESQUISA

Em 1993, iniciamos, juntamente com alguns alunos, o Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba – VALPB. Projeto que tem base teórica na Sociolinguística Variacionista. Esse Projeto teve financiamento do CNPq e a ele sempre esteve vinculada minha bolsa de produtividade. É ele que norteia todas as minhas atividades de pesquisa e a maior parte de minhas orientações. Por isso mesmo, entendo ser imperioso descrevê-lo mais detidamente: primeiro, apresentando a proposta variacionista que o embasou; segundo, detalhando os objetivos e a metodologia. Também entendo ser importante falar das fases por que ele passou.

A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Como sabemos, as últimas décadas do século XX testemunharam um interesse crescente na pesquisa linguística pela noção de variação, uma noção que foi reconhecida, mas não explorada pelos dialectologistas pré-estruturalistas europeus, que reagiram ao

rígido paradigma neogramático. O estruturalismo, segundo Buccini, van Coetsem (1990), operou também com essa noção, principalmente ao tratar as oposições estruturais. O conceito também esteve fundamentalmente implicado no que se chamou *sincronia dinâmica*, acarretando uma necessária re-avaliação da famosa dicotomia sincronia-diacronia de Saussure. Embora a variação linguística na sua gênese não tenha, por algum tempo, sido objeto de grandes polêmicas, ao começar a ser tratada do ponto de vista do contexto social, ela tornou-se assunto de pesquisa e discussão, especialmente com referência à difusão lexical e à mudança em progresso.

A década de 60 presenciou o aparecimento da primeira proposta concreta para tratar a questão da variação e mudança na língua, com o trabalho de Weinreich, Labov e Herzog (1968). Ao apresentar e discutir a proposta, os autores levantaram algumas questões, parcialmente ordenadas, que uma teoria de base empírica deveria dar conta. Tais questões dizem respeito às restrições, à transição, ao empréstimo e à avaliação. Respondendo essas questões, uma quinta questão básica surge, formulada como uma pergunta: que fatores são considerados na implementação de uma mudança? Por que as mudanças em um traço estrutural ocorrem em uma língua específica em um determinado tempo, mas não em outras línguas com o mesmo traço, ou na mesma língua em outros tempos?

Para os autores citados, uma teoria de mudança deve lidar com o modo como uma estrutura linguística de uma comunidade é transformada no curso do tempo, de forma que, em algum sentido, tanto a língua como a comunidade permaneçam as mesmas, mas a língua adquira uma forma diferente.

A variação linguística, atualmente, ainda é de interesse exclusivo dos sociolinguistas, embora isto esteja rapidamente mudando. Outros campos da linguística e particularmente da linguística histórica têm-se beneficiado da aplicação sistemática da noção de variação. A variação, então, passa a ser vista, não como algo aleatório, mas como o reflexo de subsistemas em competição e heterogeneidade estruturada.

Que a variação existe na língua é um fato tão óbvio quanto já observaram no passado Schuchardt (1885) e Sapir (1921). Segundo Chambers (1995, p. 13), quando as variantes atraíram a atenção dos linguistas, elas foram vistas ou como pertencendo a diferentes sistemas linguísticos co-existentes ou como estando em variação livre.

A noção de sistemas co-existentes, como explicada por Fries e Pike (1949), estabelecia que os falantes mantinham fonologias separadas que lhes davam acesso a mais de um código, possibilitando-lhes mudar de um para outro. Tal noção traz certas

implicações que a põem em dúvida, desde o início. Ela implica, por exemplo, que os falantes manteriam uma fonologia até que surgissem as circunstâncias para desencadear o segundo sistema. Misturar elementos dos dois sistemas, em princípio, não ocorreria. Acessar o segundo sistema não seria esporádico.

A idéia de variação livre traz em si uma forte implicação também. Se as variantes são verdadeiramente livres, ou seja, se a ocorrência de uma ou outra variante é arbitrária, então devemos entender que as variantes não podem ser previstas. Um dos primeiros estudos de variação, Fischer (1958), mostra que as variantes eram selecionadas com base em determinantes correlacionados à classe social, ao sexo e a outras variáveis independentes. Correlacionar a variável dependente a variáveis independentes como contexto linguístico, estilo ou categorias sociais é a principal tarefa empírica da sociolinguística.

Uma das mais significativas contribuições dos estudos sociolinguísticos nos últimos anos foi a descoberta de que vários dialetos sociais são diferenciados entre si não apenas por conjuntos discretos de traços, mas também pelas variações nas frequências com que certos traços ou regras ocorrem. Estudos de dialetos sociais têm claramente indicado que a diferenciação dos dialetos não pode ser indicada simplesmente por formulações categóricas. Não é mais possível, como tradicionalmente, indicar que algumas regras são obrigatórias e outras opcionais.

O fato de uma regra opcional específica aplicar-se em contexto (linguístico ou social) foi considerado irrelevante na formulação das regras para uma determinada língua e dialeto. Se uma gramática observava que o grau de flutuação variava mais em certos contextos do que em outros, ele era descartado como informação incidental, isto é, não tinha relação com a formulação real da regra. O grau de opcionalidade não era considerado na descrição linguística da competência da língua. Estudos detalhados de variação, entretanto, têm indicado que há uma regularidade sistemática da variação. Em parte, essa regularidade pode ser atribuída a fatores sociais como idade, sexo, estilo, classe social etc. Mas também pode estar correlacionada a variáveis linguísticas independentes, a exemplo do contexto fonológico, da extensão do vocábulo, da tonicidade etc.

O estudo das variáveis linguísticas, mais do que as constantes categóricas, acrescenta uma nova dimensão ao exame das diferenças de fala. Os estudos iniciais indicam como os métodos quantitativos são utilizados e também como as correlações entre os padrões sociolinguísticos e sociais surgem. O valor particular de uma determinada variável linguística é visto como uma função de sua correlação com variáveis

extralinguísticas e com as variáveis linguísticas independentes. A variável linguística, em si mesma, é uma abstração, é realizada na fala real por variantes, isto é, membros individuais que constituem a variável.

Enquanto a variação linguística não tem significado real em termos das representações formais de uma gramática, a regra variável é colocada como um aspecto formal da teoria linguística a ser considerado nas gramáticas da língua. Sua aceitação em nível teórico baseia-se em várias premissas.

O estabelecimento da regra variável é, antes de tudo, baseado na hipótese da variabilidade inerente. Por variabilidade inerente, entende-se que a flutuação das variantes não pode ser desprezada como empréstimo dialetal ou mudança de código no repertório do falante. A flutuação é parte de um sistema unitário. A variação ocorre, mas os contextos linguísticos e sociais permanecem. Existem casos em que a mudança linguística torna-se estável, isto é, a variabilidade pode permanecer constante por muitas gerações. Nesse sentido, a variabilidade pode revelar uma estabilidade igual à de muitas regras categóricas. Nesses casos, dizer que a variabilidade é apenas uma indicação de mudança linguística em progresso parece ser uma generalização, como a de dizer que a língua está sempre mudando.

Existem aspectos das restrições variáveis que são específicos de uma dada comunidade. Em relação à universalidade das restrições, existem dois aspectos a serem considerados: o efeito de previsibilidade e a ordem de previsibilidade. O efeito de previsibilidade diz respeito ao fato de que um tipo específico de contexto sempre terá um efeito particular ou variabilidade. A ordem de previsibilidade se refere à ordenação específica das restrições. Para que uma ordenação assim seja parte de uma teoria geral de regras opcionais, deve-se ser capaz de prever não só o efeito da restrição, mas também sua ordenação em relação às outras restrições. É muito possível que o efeito de previsibilidade derive de alguns princípios universais da metateoria da língua, mas que a ordem de previsibilidade seja de língua específica. (Wolfram, 1974, p. 63-64)

A teoria da variação e a teoria categórica têm seus próprios domínios e formas de procedimento. A separação entre as duas, conforme Chambers (1995, p. 30), não parece ser bem entendida. Nas primeiras propostas para as regras variáveis, Labov (1972), Wolfram e Fasold (1974) conceberam-na como um refinamento das regras opcionais da teoria gerativa contemporânea. Para Cedergren e Sankoff (1974), a importância das regras variáveis pode ser apreciada de um certo ponto-de-vista paradigmático, o que constitui uma leve, mas distinta mudança da teoria gerativa. Como sugestão desses

autores fica, primeiro, ampliar a noção de competência; segundo, usar amostras de fala real como dados, em vez de basear-se apenas nas intuições.

Segundo Chambers (1995, p. 31), o axioma da categoricidade não é uma propriedade acidental da linguística categórica, mas uma propriedade essencial. Nos últimos anos, as regras têm sido descartadas pelos linguístas categóricos em favor de generalizações notacionais diferentes, a exemplo dos filtros, *templates* e princípios. Da mesma forma, a formalização das regras variáveis não tem sido mais discutida na linguística variacionista. Mas o programa estatístico que trata das regras variáveis não desapareceu com as regras. Ele continua sendo um dos procedimentos disponíveis para os pesquisadores correlacionarem variáveis dependentes e variáveis independentes.

Neste projeto, admitir-se-á que a variabilidade na fala de um indivíduo é melhor representada segundo o modelo laboviano, como regras opcionais que operam na gramática. Adotar-se-á, inicialmente, a noção de *regra variável*, em substituição à de *regra opcional*, visto que serão incorporadas as diferenças quantitativas nas alternâncias dentro da gramática em relação às variáveis estruturais e sociais. Será utilizada a noção de regra da proposta laboviana, mas na análise fonológica dar-se-á preferência à proposta das restrições em detrimento da de derivação utilizada por teóricos que antecedem a proposta da Teoria da Otimalidade, muito embora muitos ainda trabalhem com tal noção.

A pesquisa será abordada sob o ponto de vista de que a variabilidade é uma parte integrante da competência do falante. A fim de considerar a capacidade do falante, entende-se que uma gramática deva ser capaz de incluir fatores estruturais que favoreçam ou inibam a operação da regra, mas deve também indicar como esses fatores estão ordenados entre si.

Os dados obtidos, quando da realização do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba – VALPB (Hora, 1993) permitiram a implementação de estudos nos diferentes níveis da Linguística, mais especificamente, o da Fonologia. De um lado, foi possível avaliar, a partir de um falar específico, o sistema consonantal do Português Brasileiro, considerando consoantes em posição de ataque, a exemplo de /t,d/, em itens como “tia”, “dia”, consoantes em posição de coda, descrevendo o emprego de /r,l,n,s/, seja em posição interna ou externa; de outro, permitiram avaliar o sistema vocálico, levando em conta as vogais em diferentes posições; pretônicas, postônicas finais e não- finais.

Nos últimos três anos, os dados propiciaram avaliar os ditongos tanto crescentes quanto decrescentes. Em relação a esses últimos, os resultados ratificaram outros achados em diferentes estados brasileiros; e, em relação aos primeiros, foi possível concluir que o

uso, no falar paraibano, apresenta características que possibilitam relacionar, de forma clara, o fenômeno linguístico com as restrições sociais controladas.

O conhecimento da realidade falada da comunidade pessoense proporcionou, ainda, investigar o uso dos ditongos em outros níveis, os da leitura e da escrita, resultando, portanto em contribuições para as questões relacionadas ao ensino. A implementação do Projeto permitiu a elaboração de uma tese de doutorado (Lucena, 2007) e quatro dissertações de mestrado (Silva, 2006; Ribeiro, 2006, Machado, 2008, Andrade, 2008), inúmeros trabalhos de Iniciação Científica, capítulos de livros, artigos em periódicos científicos, *papers* apresentados em congressos regionais, nacionais e internacionais e também palestras e conferências realizadas em diferentes universidades. Além disso, a partir desses estudos, foi implementada a linha de pesquisa **Diversidade e Mudança Linguística** no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB e também o desenvolvimento da vertente sobre Fonologia Diacrônica no Projeto nacional **Para a História do Português do Brasil** (PHPB), permitindo estudos da variação fonológica em documentos manuscritos da Paraíba e do Brasil.

Ainda ligado à variação, o projeto VALPB participa, em nível nacional, do **Projeto Sócio-História das Vogais**, cuja contribuição em 2007 foi a realização do evento SIS-Vogais, contando com a participação de pesquisadores de todo o país que desenvolvem trabalho na área de vogais, seja na perspectiva variacionista ou não.

Em sua fase II, buscamos avaliar novos dados, aqueles que dizem respeito ao falar do interior do estado da Paraíba, que apresentam características, à primeira vista e com base empírica, muito peculiares.

Sabe-se que a Língua Portuguesa no Brasil, principalmente no Nordeste, apresenta muitos aspectos ainda por serem estudados, embora grande contribuição já tenha sido dada no campo da análise linguística, iniciada por Joaquim Mattoso Câmara Júnior.

Com respeito aos falares locais, existe um legado também importante. Vejam-se, por exemplo, os estudos de Mário Marroquim no Nordeste; Amadeu Amaral em São Paulo; e Antenor Nascentes no Rio de Janeiro. Atualmente, podem ser citados os trabalhos desenvolvidos pelos PEUL da UFRJ, no Rio de Janeiro; pelo VARSUL na Região Sul e pelo próprio VALPB da UFPB, dentre outro. Todos eles discutindo questões voltadas para a variação linguística no Brasil, utilizando a abordagem variacionista sob a perspectiva laboviana. É nessa linha, pois, que será dada continuidade aos trabalhos a serem realizados por este Projeto. Sua implementação, com certeza, trará mais contribuições tanto para as questões que dizem respeito a aspectos teóricos de

entendimento do funcionamento da língua, como também possibilitará, a partir de sua divulgação, a conscientização de docentes e discentes que atuam nos níveis Fundamental, Médio e Superior de ensino.

Este Projeto faz parte de um Projeto maior que teve início em 1993. Àquela época os dados diziam respeito apenas à comunidade de João Pessoa. Hoje, o raio de ação foi ampliado para o interior, envolvendo as cidades de Itabaiana, Picuí e Cajazeiras; a primeira, localizada na microrregião da Borborema; a segunda, na microrregião do Curimataú; e a terceira, no Sertão. Com os dados dessas três comunidades, pretende-se avaliar, dentre outros objetivos, se o perfil do falante paraibano do interior, considerando aspectos fonológicos, corresponde ao do falante da capital do estado, e como eles se aproximam ou se afastam do falar nacional. Além disso, espera-se que a análise de dados de uma língua específica possa contribuir para a teoria linguística geral.

O aspecto linguístico a ser analisado, o preenchimento da coda silábica por consoantes, possibilitará definir as tendências da Língua Portuguesa, que, com certeza, apresenta os mesmos processos de outras línguas do mundo. A restrição à coda, como se definirá quando se tratar da variável dependente, é frequente nos diversos falares do português, de norte a sul, e a análise aqui proposta indicará o que a condiciona.

Considerando que a Língua Portuguesa apresenta mais de um segmento consonantal que pode ser apagado, quando em posição de coda (/r, s, l, n/), ao longo desses três anos, pretende-se analisar os contextos em que estejam presentes as quatro consoantes. O preenchimento da coda pelo glide não será considerado, visto que tal aspecto levaria a outro tipo de fenômeno, no caso a monotongação ou não, que traz outras implicações teóricas.

Na fase III, iniciada em março de 2014, buscaremos implementar novas ações e novos estudos. Para isso, voltaremos à comunidade para um novo contato -recontato, o que implicará analisar dados novos, mas considerando variáveis já avaliadas no passado. Nessa fase, a proposta e nossa expectativa é, ao contrário do que fizemos no início, realizarmos um estudo em tempo real.

Como sabemos, existem duas formas de fazer observações em tempo real. A primeira delas, considerada a mais simples, implica buscar a literatura que diz respeito à comunidade analisada e comparar o que existe no passado com o que existe na atualidade. Outra possibilidade, considerada mais difícil e mais elaborada, é voltar à comunidade depois de um determinado tempo e repetir o mesmo estudo.

Optaremos aqui pela segunda possibilidade, voltando à comunidade para implementarmos um estudo longitudinal. Esse tipo de estudo, como observa Labov (1994, p. 75) pode ser denominado de painel ou de tendência, dependendo do tipo de informante que utilizarmos na amostragem. Caso, no recontato, encontremos os mesmos informantes que compuseram a amostra de 1993 no estudo de tempo aparente, teremos a modalidade “painel”; caso isso não aconteça, e encontremos apenas alguns dos informantes do passado, utilizaremos a modalidade “tendência” para complementar a amostragem, o que implica levar em conta as mesmas características sociais que foram empregadas na estratificação de 1993.

Nesse recontato, os dados obtidos permitirão, como o fizemos com os dados de 1993, muitas análises envolvendo vários processos, mas, para este projeto, serão analisadas três variáveis: a palatalização das oclusivas dentais, as vogais médias pretônicas e as fricativas coronais em coda /s,z/.

A escolha dessas variáveis tem como princípio o fato de a primeira delas já ter apresentado, nos estudos dos dados de 1993, uma tendência da comunidade à palatalização ([tʃ]iro), forma avaliada como inovadora em uma comunidade cuja norma é a não palatalização ([t]iro). Os dados do recontato poderão ratificar, ou não, a hipótese de que essa variável estará sofrendo um processo de mudança em progresso.

No que concerne às vogais médias pretônicas, a ideia é verificar se a comunidade caminha na direção da tendência nacional de fechar as vogais, uma vez que esse é o padrão imposto, por exemplo, pela mídia. Vale salientar que o estudo realizado por Pereira (1997) com os dados do VALPB (1993) seleciona a pretônica média aberta (m[ɛ]nino) como a mais frequente, seguida da alta (m[i]nino) e, por último, da média fechada (m[e]nino).

Quanto às fricativas, avaliaremos se a tendência à manutenção da palatalização, como observado em Hora (2003) e Pedrosa (2005), ainda tem como restrição o contexto fonológico seguinte /t,d/ (co[ʃ]ta, de[ʒ]de), que é uma tendência do nordeste brasileiro, ou se outras restrições já condicionam o processo, como foi comprovado, por exemplo, com dados da Bahia (MOTA, 2002). No falar paraibano, o uso mais produtivo é a alveolar, quase categórica, quando a fricativa antecede outras consoantes que não sejam as oclusivas dentais (e[s]curo, me[z]mo).

Nossa hipótese em relação às variáveis selecionadas é a de que houve alterações no seu uso. No caso das oclusivas dentais, acreditamos que a implementação da forma palatalizada seja mais frequente do que vinte anos atrás, que as vogais médias abertas

estejam cedendo lugar à presença das médias fechadas e que as restrições à palatalização das fricativas coronais /s,z/ tenham se expandido para além das oclusivas dentais [t,d].

Aliado a esse estudo de recontato para avaliar as variáveis elencadas, interessamos, ainda, controlando as mesmas variáveis e respectivas variantes, realizar estudos ligados (a) ao estilo, e, nesse caso, nos pautaremos nas propostas de Labov (1966, 1972) e de Eckert (2000); (b) à atitude do ouvinte leigo e do ouvinte letrado em relação a seu uso; (c) à percepção, buscando verificar se o falante tem consciência ou não das variantes utilizadas e como o ouvinte as avalia.

Em relação às análises que envolvem o estilo, nossa hipótese é a de que a utilização da metodologia utilizada poderá ter influência, uma vez que para cada uma das propostas pensadas os resultados serão diferentes. No caso da proposta de Labov (1966), em que a atenção prestada a fala é que define o estilo, nossa hipótese é a de que o falante não altera o uso, seja o estilo formal ou casual. No caso da proposta de Eckert (2001), acreditamos que a comunidade de prática a que o falante esteja vinculado poderá ter influência na escolha da variante.

Quanto à atitude do falante leigo e do falante letrado em relação às variantes atreladas às variáveis selecionadas, nossa hipótese é a de que haja uma atitude mais positiva dos ouvintes leigos e letrados em relação às variantes consideradas de prestígio na comunidade, aquelas utilizadas por pessoas com anos de escolaridade mais avançados.

No que concerne à percepção, nossa hipótese é a de que os falantes que integrarão a amostragem de recontato perceberão como mais salientes aquelas variantes que representam estereótipos para a comunidade. O mesmo acontecerá com os ouvintes leigos. Os ouvintes letrados, por outro lado, perceberão o uso da variação independentemente de a variante ser estereótipo ou marcador.

Neste projeto, utilizaremos como base teórica, no que concerne à análise variacionista, os trabalhos de Labov, principalmente os textos de 1994 e o de 2001. Para as análises sobre estilo, a base teórica será a proposta de Labov (1966, 1972, 2001) e a de Eckert (2000). Quanto à atitude linguística, utilizaremos Garret (2010) e Garret, Coupland e Williams (2003). Para o estudo sobre a percepção, basearemos nossa análise nas propostas apresentadas por Clopper e Pisoni (2005). Isto não significa que outras bases teóricas não possam ser utilizadas.

As variáveis fonológicas a serem controladas poderão também ser objeto de análise sob uma perspectiva da Fonologia, mas entendemos ser prematuro, neste momento, definir qual delas adotaremos. Uma possibilidade poderá ser, como sugerem

alguns autores, a Fonologia de Uso, segundo a proposta de Bybee (2001, 2010), para quem o uso repetitivo de processos cognitivos têm impacto sobre a representação cognitiva da língua e, portanto, sobre a língua como é abertamente manifestada.

Acreditamos que a realização dessa Fase III do VALPB, em que ficará evidente a complementaridade entre os estudos do tipo painel e tendência, fornecerá subsídios para a discussão de dois dos problemas levantados em Weinreich, Labov e Herzog (1968): a implementação e o encaixamento, considerados como o foco de qualquer modelo de mudança linguística.

VARIAÇÃO, ESTILO, ATITUDE E PERCEPÇÃO

Considerando a amplitude da proposta, envolvendo campos de análises que têm origem em uma amostragem coletada nos moldes labovianos, mas que perpassam todos eles o uso da língua, a fundamentação teórica estará centrada na sociolinguística variacionista, no estilo, na atitude e na percepção. Em relação à sociolinguística variacionista, nosso foco central de revisão serão os conceitos relacionados a tempo real *versus* tempo aparente e estudo de painel e estudo de tendência. Sobre o estilo, apresentaremos as propostas de Labov (1966) e Eckert (2000). Quanto à atitude, focalizaremos sua definição, história e metodologias. Para a percepção, nossa revisão se deterá na parte em que mostra sua estreita relação com a variação linguística.

SOBRE VARIAÇÃO

As últimas décadas têm testemunhado um interesse crescente na pesquisa linguística pela noção de variação, uma noção que foi reconhecida, mas não explorada pelos dialectologistas pré-estruturalistas europeus, que reagiram ao rígido paradigma neogramático. O estruturalismo, segundo Buccini, van Coetsem (1990), operou também com essa noção, principalmente ao tratar as oposições estruturais. O conceito também esteve fundamentalmente implicado no que se chamou *sincronia dinâmica*, acarretando uma necessária re-avaliação da famosa dicotomia sincronia-diacronia de Saussure. Embora a variação linguística na sua gênese não tenha, por algum tempo, sido objeto de grandes polêmicas, ao começar a ser tratada do ponto de vista do contexto social, ela tornou-se assunto de pesquisa e discussão, especialmente com referência à difusão lexical e à mudança em progresso.

Com o trabalho de Weinreich, Labov e Herzog (1968), a década de 60 presenciou o aparecimento da primeira proposta concreta para tratar a questão da variação e mudança linguística. Ao apresentar e discutir a proposta, os autores levantaram algumas questões, parcialmente ordenadas, que uma teoria de base empírica deveria dar conta. Tais questões dizem respeito às restrições, à transição, ao empréstimo e à avaliação. Respondendo essas questões, uma quinta questão básica surge, formulada como uma pergunta: que fatores são considerados na implementação de uma mudança? Por que as mudanças em um traço estrutural ocorrem em uma língua específica em um determinado tempo, mas não em outras línguas com o mesmo traço, ou na mesma língua em outros tempos?

Para os autores citados, uma teoria de mudança deve lidar com o modo como uma estrutura linguística de uma comunidade é transformada no curso do tempo, de forma que, em algum sentido, tanto a língua como a comunidade permaneçam as mesmas, mas a língua adquira uma forma diferente.

Weinreich, Labov e Herzog (1968, p. 186-187) sugerem que uma mudança linguística acontece quando uma variante se generaliza em um subgrupo de uma comunidade e adquire uma certa direção e significado social; o progresso da mudança está associado à aprovação dos valores de um grupo pelos membros de outro grupo.

A mudança sempre requer, virtualmente, um período de transição, de variabilidade, de competição entre estruturas e de divergências dentro da comunidade do falante (SANKOFF, 1988, p. 147).

Para o entendimento do processo de mudança linguística em progresso, dois aspectos na estratificação da amostragem devem ser considerados: tempo aparente e tempo real.

Na amostra em tempo aparente, a variável linguística é distribuída através dos níveis de idade dos falantes. A dificuldade desse tipo de observação consiste em entender se a significativa correlação entre a idade e a variável linguística estabelecida trata-se de uma verdadeira mudança em progresso ou de gradação etária, que é a mudança de comportamento linguístico característica de uma certa idade, que se repete em cada geração, alterando a frequência de algumas variáveis linguísticas por serem modificadas ou corrigidas em uma idade mais avançada do indivíduo. Para Labov (1966), adolescentes e adultos jovens usam variantes estigmatizadas mais livremente do que falantes de meia idade, especialmente quando estão sendo observados.

Labov (1994, p. 47) observa que adolescentes e pré-adolescentes parecem estar à margem no progresso da mudança sonora. Sugere, então, uma estratificação da amostra

que inclua gravações de falantes tão jovens quanto os de oito anos de idade: 8 - 14; 15 - 19; 20 - 29; 30 - 39; 40 - 49; 50 - 59; 60 - 69 e mais de 70 anos. Segundo o autor, essa forma de estratificação pode aprimorar a visão dos movimentos em tempo aparente.

Os dados em tempo aparente são, portanto, relevantes para as observações em tempo real, uma vez que eles podem suscitar questões acerca do tipo de mudança, bem como das diferenças que constituem a mudança linguística (LABOV, 1994). Para Paiva e Duarte (2003, p.23), apesar da validade teórica do construto do tempo aparente, “há dificuldades empíricas que exigem não apenas rigor dos dados a serem observados, como também a conjugação com outras formas de estudo da mudança”.

Assim, o estudo da mudança em tempo real, seja ele de curta ou longa duração, preenche as lacunas deixadas pelo estudo em tempo aparente.

Para Labov (1994, p. 70), há duas abordagens básicas relacionadas aos dados coletados em tempo real. Uma delas requer a comparação de dados obtidos via literatura de uma determinada comunidade e que deverão ser comparados com dados atuais. A outra requer a volta à comunidade depois de um determinado tempo e repetir o estudo feito anteriormente.

Nesse segundo caso, há dois tipos de estudos longitudinais radicalmente diferentes: estudo de painel e estudo de tendência. Labov (1994, p. 76) afirma que, para se obter e produzir respostas mais seguras e próximas da realidade, é necessário que a comunidade tenha permanecido mais ou menos estável durante o período decorrido. Caso mudanças drásticas tenham acontecido em sua constituição demográfica, o que estará sendo observada é a mudança externa na língua e pode ter pouca importância para a lógica da mudança em progresso. Tais mudanças, motivadas externamente, podem ser mais importantes para a história da língua do que para o seu desenvolvimento interno, pois elas dependem de uma cadeia de causas e efeitos que estão fora das relações linguísticas.

O segundo tipo de observação, "estudo de painel", consiste em localizar os mesmos falantes que foram utilizados no primeiro estudo, monitorar algumas mudanças em seu comportamento, submetendo-os aos mesmos questionários, entrevistas ou experimentos.

Esses tipos de estratégias, se bem realizadas, poderão produzir respostas mais reais e dizer, decididamente, se a mudança avançou em tempo real ou se repete a mesma distribuição em tempo aparente (LABOV, 1994, p. 75 -76). O pesquisador, nesse caso, faz uso do presente para explicar o passado, procedimento inverso ao utilizado pela

linguística histórica, que lança mão de alguns estudos prévios e tenta correlacioná-los ao objeto de estudo sob investigação, ou seja, utiliza-se do passado para explicar o presente.

A inter-relação entre dados de tempo aparente e dados de tempo real torna possível reconstruir uma cronologia dos vários passos da mudança e correlacionar essa cronologia com as características sociolinguísticas de cada estágio do mecanismo da mudança linguística (LABOV, 1994, p. 77).

A abordagem em tempo real baseada no "estudo de painel" detectará as condições em que cada indivíduo muda ou está estável, como também mostra de que maneira a gradação etária está presente nas gravações. A abordagem baseada em "estudo de tendência" mostra quais são as variáveis que, ao operarem no nível mais alto da consciência social, são modificadas por todo o tempo de vida dos falantes, com gradação etária consistente na comunidade (LABOV, 1994).

Assim, o processo de observação da mudança da língua requer técnicas de investigação, análise e discussão dos dados em variação sincrônica que operam na gramática do falante, exigindo do pesquisador um longo período de tempo, com o objetivo de apresentar um quadro do funcionamento da língua mais próximo da realidade dos fatos e, conseqüentemente, evitar afirmações apressadas acerca do que está acontecendo no sistema sob análise.

SOBRE ESTILO

Os trabalhos até então realizados no Brasil sob a perspectiva variacionista, seguindo Weinreich, Labov, Herzog (1968); Labov (1966, 1972), tiveram seu foco principal em dois conjuntos de restrições: de um lado, as sociais; de outro, as linguísticas. Até então, as restrições estilísticas nunca foram consideradas.

Avaliar a variação associada ao estilo implica avaliar a identidade do usuário. Conseqüentemente, esse tipo de estudo contribui para que também se avalie o significado social da variação. Como o falante reage a sua própria maneira de falar e à de outrem traz implicações para questões relacionadas, por exemplo, ao problema do preconceito linguístico, algo danoso que pode ter desdobramentos prejudiciais à convivência dos grupos em que se inserem os falantes.

Como afirmamos anteriormente, das três restrições mencionadas, a estilística é a menos trabalhada. Nesta seção, apresentamos as concepções de Labov (1966) e a de Eckert (2000), fundamentais para o objeto de estudo deste projeto.

Atenção prestada à fala: visão laboviana

Como sabemos, o grande responsável pelos estudos variacionistas de base quantitativa é William Labov, e é em seu estudo de 1966 sobre o falar de New York City onde vamos encontrar as primeiras bases teóricas e metodológicas para estudo do estilo.

Ao selecionar a comunidade de New York como foco de seu estudo, Labov, utilizando uma amostragem aleatória que fosse representativa, percebeu a necessidade de formalizar um instrumento que permitisse a comparação entre os seus resultados. Valendo-se da entrevista como meio formal e estruturado, já de início ele percebe um possível paradoxo. Se o foco é a língua espontânea do falante para análise, como obtê-la se o instrumento de coleta é formal?

Fundamental para Labov é a noção do vernacular do falante, ou seja, a fala mais natural, aquela que surge quando o falante não a monitora.

Pensando nisso é que, na própria entrevista, ele estabelece níveis de formalidade ou informalidade na obtenção dos dados, que permitem avaliar possíveis indícios de mudança na língua quando o estilo é alterado. Assim, ele esboça a entrevista sociolinguística de forma que possa obter do falante, tanto quanto possível, uma fala que vá da mais casual a mais formal.

Para Labov, a atenção prestada à fala está no centro da proposta. A fala casual é facilmente detectada em situações em que o falante não a esteja monitorando, como nas ruas, nos bares, na praia. O mesmo não acontece em uma situação de entrevista formal, que define um contexto de fala, onde, em geral, apenas um estilo ocorre, o estilo denominado de fala cuidada. Então, a metodologia utilizada para amenizar o grau de formalidade que, por si só, caracteriza a entrevista é decisiva.

Considerando a fala cuidada como o estilo mais simples de ser definido dentro de uma entrevista, Labov utiliza algumas estratégias: estilo de leitura, lista de palavras, pares mínimos. Todas estas estratégias implicam que o falante preste mais atenção à maneira como utiliza a língua. Para obter uma fala menos monitorada e mais casual, ele estabelece situações contextuais em que o falante possa estar menos atento a sua própria fala. Para isso, vale controlar aspectos como: * fala com uma terceira pessoa, * fala não relacionada às questões estabelecidas, * questões voltadas para hábitos da infância e o mais conhecido * “perigo de morte”. Nesses dois últimos casos, como podemos ver, o fundamental é o

tópico; ao manipulá-lo, ele parte da hipótese de que alguns tópicos podem desviar a atenção do falante em relação à fala.

Como observa Coupland (2007, p. 7), Labov entende que a variação linguística pode ser detectada quando as pessoas falam ‘menos cuidadosamente’ em alguns pontos da entrevista mais do que em outros pontos. Quando elas estão mais relaxadas, elas utilizarão traços do vernacular com maior frequência.

Segundo Eckert e Rickford (2001, p. 3), o estudo de Labov (1966) estabelece uma forte ligação entre o indivíduo e a comunidade – entre o linguístico, o cognitivo e o social. Ele demonstrou que o uso das variáveis sociolinguísticas é estratificado socioeconomicamente, e que a variedade estilística de cada falante cobre um contínuo do uso na matriz socioeconômica. Ao colocar o prestígio na parte mais alta da hierarquia socioeconômica e o estigma na parte mais baixa, Labov caracterizou cada *continuum* estilístico do falante em relação a esses dois polos. Ele viu o prestígio da variedade do falante como o resultado da fala formal, cuidada, e o estigma como o resultado da fala casual, não monitorada. Portanto, a atividade estilística do falante estava diretamente ligada a sua posição na hierarquia socioeconômica e nas estratégias utilizadas.

Ainda para os autores, enquanto a noção de prestígio desempenha um importante papel no trabalho de Labov sobre estilo, é a atenção prestada à fala que ele coloca como foco, presumivelmente porque a atenção é o mecanismo cognitivo que liga o social aos fatores linguísticos.

O estudo sobre a variação estilística em New York City (1966) é considerado um dos mais importantes construtos na área. Apesar de sua importância, o estilo deixou de ser o foco das pesquisas quantitativas na década seguinte, e isto, segundo Rickford e Eckert (2001, p. 3), se deve, parcialmente, (a) ao questionamento sobre a atenção prestada à fala como foco da pesquisa; (b) à dificuldade operacional de separar a fala casual da fala cuidada a partir das situações contextuais; e (c) ao fato de os pesquisadores se voltarem mais para as restrições linguísticas e sociais ligadas à variação.

A partir de Labov, outras propostas surgiram. Uma delas, e que será também utilizada neste projeto, é a defendida por Eckert (2000).

Penelope Eckert: as três “Ondas” que envolvem os estudos variacionistas

Os anos 60, com as pesquisas desenvolvidas por Labov, marcam a gênese de estudos linguísticos com ênfase em processos variáveis, sob a influência de fatores

sociais, de forma mais sistemática. Não se pode esquecer que trabalhos esparsos, considerando tais fatores, no passado, já enfatizavam tal influência.

Os estudos quantitativos realizados à luz da proposta variacionista constituem o que Eckert (2005) classifica como “primeira onda”. Tais estudos usam o modelo quantitativo para examinar a relação entre variabilidade linguística e restrições sociais, a exemplo de sexo, idade, classe social, etnia, etc.

O foco nesses estudos está em capturar o vernáculo, procurando encontrar os padrões na fala não consciente e também a fonte da mudança linguística regular.

De forma sintética, a primeira onda assim se caracteriza:

- estudo de comunidades geograficamente definidas;
- hierarquia socioeconômica como um mapa do espaço social;
- variáveis como marcadores de categorias sociais primárias, conduzindo traços de prestígio/estigma;
- estilo como atenção prestada à fala, e controlado por orientação relativa ao prestígio/estigma.

Os dados coletados na Paraíba em 1993 (VALPB) refletem esse momento que Eckert denomina de primeira onda.

Outro momento que norteia os estudos sociolinguísticos diz respeito ao que se chama de “segunda onda” (Eckert, 2005), caracterizado pelos estudos etnográficos. Estes têm como foco comunidades menores e objetivam identificar categorias sociais que são salientes na comunidade. Os estudos etnográficos mostraram como as formas de falar estão carregadas com o significado local.

A segunda onda, para Eckert, estabelece uma conexão com a primeira onda e a dinâmica local, e assim se caracteriza:

- estudos etnográficos de comunidades definidas geograficamente;
- categorias locais como *links* para as demográficas;
- variáveis como categorias de indexação localmente definidas;
- estilo como atos de afiliação.

A “terceira onda” focaliza o significado social das variáveis. Ela vê o estilo, mais do que as variáveis, como associado diretamente às categorias identitárias, e explora as contribuições das variáveis para os estilos. Assim, ela parte da abordagem baseada no falar das duas primeiras ondas, e vê as variáveis como localizadas em comunidades de práticas. Uma comunidade de prática, segundo Eckert (2005, p. 16) é um agregado de pessoas que, reunidas de forma regular, se engajam em alguma iniciativa (uma família,

uma classe linguística, um time esportivo, mesmo uma pequena vila). Ao longo do engajamento, a comunidade de prática desenvolve práticas. E essas práticas envolvem a construção de uma orientação compartilhada para o mundo ao seu redor – uma definição tácita delas mesmas em relação ao outro, e em relação a outras comunidades de práticas.

Para a autora, o indivíduo não existe isolado da matriz social, mas a ela está ligado por meio de formas estruturadas de engajamento. O indivíduo constrói uma identidade – um sentido de lugar no mundo social – equilibrando a participação em diferentes comunidades de práticas, e em formas de participação em cada uma dessas comunidades. E a chave para este processo inteiro de construção é a prática estilística.

Até agora, nos estudos de variação, o estilo tem sido tratado como ajustamentos situacionais do falante no uso de variáveis individuais. O outro lado do estilo é como os falantes combinam variáveis para criar formas distintas de falar. Estas formas de falar são uma chave para a produção das *personae*, e as *personae*, por sua vez, são tipos sociais particulares que se localizam de forma explícita na ordem social. Ao estudar indivíduos, geralmente, os linguistas se impacientam. No entanto, os indivíduos constituem algo muito importante sobre os quais temos que aprender, e só na comunidade de prática é que se pode entender sua prática individual. Por sua vez, o estudo etnográfico que busca fornecer explicações para padrões de variação maiores deve selecionar comunidades de prática que são de grande valor para esses padrões.

Uma vez que a “terceira onda” toma o significado social como primário, ela examina não só as variáveis que são de interesse primário para os linguistas, mas qualquer material linguístico que sirva como um propósito social/estilístico. E na mudança, ela desloca o foco das categorias do falante para a construção da *persona*.

Quando pensamos sobre a relação entre variação e grupos sociais, geralmente não são identificadas variáveis individuais. O significado da variação está em seu papel na construção dos estilos, e estudar o papel da variação na prática estilística envolve não simplesmente localizar variáveis nos estilos, mas em entender esta localização como uma parte integral da construção do significado social.

A terceira onda, então, leva o estudo da variação para uma nova direção. Mais do que definir a variação em termos dos falantes que usam as variáveis, ela busca os significados que motivam desempenhos particulares.

A terceira onda pode ser assim caracterizada:

- estudos etnográficos das práticas das comunidades;
- categorias locais resultantes da construção de estâncias comuns;

- indexação de variáveis a estâncias, atividades, características;
- estilo como construção da *persona*.

Segundo Eckert e Ricford (2001, p. 5), as diferentes visões sobre estilo não são contraditórias ou mutuamente exclusivas. Considerá-las nos estudos variacionistas levamos a pensar que a língua deixa apenas de refletir o social, para, enfim, criá-lo.

SOBRE ATITUDE

No primeiro trabalho sobre atitude, Allport (1935, p. 801) afirmou que atitude era um dos conceitos fundamentais na psicologia social, e, na sociolinguística, tem sido um conceito central desde o trabalho seminal de Labov (1966) sobre a estratificação social das comunidades de fala, e como a mudança linguística é influenciada pelo prestígio e pelo estigma em relação a traços linguísticos específicos existentes nas comunidades. O conceito de atitude, contudo, nem sempre é facilmente delineado. Suas definições variam com o grau de elaboração e com o peso dado a diferentes traços de atitudes.

Para tomar um ou dois exemplos, vejamos algumas posições. Segundo Thurstone (1931, p.35) atitude é definida como “afeto por ou contra um objeto psicológico”, enfatizando as respostas emocionais positivas e negativas que as atitudes incorporam. Uma definição bastante citada é a de Allport (1954, p.63): “uma disposição aprendida pra pensar, sentir e agir em relação a uma pessoa (ou objeto) em uma forma particular”. Esta definição mostra que as atitudes dizem respeito mais do que ao afeto e se estende também ao pensamento e ao comportamento.

Oppenheim (1982, p.39) também incorpora aspectos cognitivos e comportamentais, mas inclui em sua definição a elaboração das formas em que as atitudes são manifestadas:

um construto, uma abstração que não pode ser diretamente apreendida. É um componente interno da vida mental que expressa a si mesmo, diretamente ou indiretamente, através de processo óbvios como estereótipos, crenças, afirmações verbais ou reações, ideias e opiniões, recordações seletivas, fúria ou satisfação ou alguma outra emoção e em vários outros aspectos de comportamento.

Esta definição de Oppenheim inicia com a afirmação explícita de que atitude é um construto psicológico. Os construtos não podem ser observados diretamente, e, assim, temos de confiar em nossas habilidades para inferi-las dos tipos de coisas que Oppenheim lista: reações emocionais, demonstrações, etc. O fato de não podermos observar diretamente as atitudes não significa que elas sejam fictícias, que só estamos imaginando coisas. Allport (1935, p. 839) afirma que

as atitudes nunca são diretamente observadas, mas, a menos que sejam admitidas através de inferência como ingredientes reais e substanciais na natureza humana, ela se torna impossível de ser considerada satisfatoriamente ou pela consistência de algum comportamento do indivíduo ou pela estabilidade em alguma sociedade.

O *status* das atitudes como construto psicológico traz dificuldades para acessá-lo. Esta é a razão por que há sempre muitos debates sobre como podemos estudá-lo.

Além dessa característica básica de ser um construto, é útil tomar uma definição simples e então elaborá-la para que os vários aspectos sobre atitude sejam consensuais. Sarnoff (1970, p. 279) fornece tal definição: “uma disposição para reagir favoravelmente ou desfavoravelmente a uma classe de objetos”. Usando isto como ponto estratégico, é tomado como um dado que uma atitude é uma orientação avaliativa para um objeto social de algum tipo, quer seja uma língua, ou uma nova política governamental etc. E assim, como uma ‘disposição’, uma atitude pode ser vista como tendo um grau de estabilidade que permite-lhe ser identificada. Isto é reforçado pela concepção assumida por Garret, Coupland e Williams (2003, p.3), segundo os quais uma atitude é, pelo menos, uma postura avaliativa suficientemente estável, o que lhe permite ser identificada e mensurada.

Para Edward (1982), as atitudes têm uma estrutura tripartida, constituída de componentes cognitivo, afetivo e comportamental. Cognitivo pelo fato de conter crenças sobre o mundo (por exemplo, acreditar que aprender a língua inglesa vai ajudar na obtenção de um melhor trabalho); afetivo, porque envolve sentimentos sobre determinados objetos (por exemplo, entusiasmo diante de uma poesia escrita em Inglês); e comportamental, porque leva a agir de uma certa forma (por exemplo, aprender Inglês).

Na conceituação do termo atitude, percebemos a dificuldade em busca de um conceito que unifique as ideias apresentadas. Isto fica ainda mais complexo, quando, em alguns contextos, outros termos, a exemplo de ‘hábitos, valores, crenças, opiniões e

ideologias', são usados quase de forma a substituí-lo. Cada um deles, entretanto, tem suas peculiaridades, que os tornam diferentes do que seja atitude (cf. GARRET, COUPLAND e WILLIAMS, 2003, p. 9-11).

Atitude linguística: abordagens

Quando pensamos em atitudes linguísticas, não podemos deixar de considerar quais são os seus campos de interesse. Com certeza, eles são muitos e variam de acordo com o interesse específico da pesquisa a ser implementada.

Baker (1992, p. 29) levanta alguns tópicos que foram de interesse para as pesquisas focadas nas atitudes linguísticas: (a) atitude em relação à variação linguística, ao dialeto e ao estilo de fala; (b) atitude em relação à aprendizagem de uma nova língua; (c) atitude em relação a uma língua minoritária específica; (d) atitude em relação a grupos de línguas, comunidades e minorias; (e) atitude em relação às lições de língua; (f) atitude dos pais em relação à aprendizagem da língua; (g) atitude em relação aos usos de uma língua específica; (h) atitude em relação à preferência linguística.

Obviamente, alguns dos tópicos elencados são mais estudados do que outros, a exemplo da letra (a). É a ele que dedicaremos nosso estudo, procurando analisar como o falante-ouvinte se posiciona em relação a sua maneira de falar e em relação à fala de outrem.

Labov (1984, p. 33) estabelece que um objetivo importante da pesquisa sociolinguística é construir um registro de atitudes abertas em relação à língua, aos traços linguísticos e aos estereótipos. Para o autor, a pesquisa de atitudes linguísticas oferece um pano de fundo para explicar a variação e a mudança linguística.

O estudo das atitudes linguísticas busca mais do que descobrir simplesmente quais são as atitudes das pessoas e quais seus efeitos em termos de resultados comportamentais. Uma preocupação a mais é entender o que determina e define essas atitudes.

No Brasil, em geral, sabemos que determinados processos fonológicos têm recebido muita atenção, particularmente, dos sociolinguistas. Exemplos como a variação das vogais médias pretônicas, da palatalização das oclusivas dentais, da palatalização das fricativas, etc. são ilustrativos do que já foi feito, mas nenhum deles foi ainda analisado na perspectiva da atitude linguística.

Ao pensarmos em pesquisa com uma abordagem voltada para a atitude linguística, podemos abordar três possibilidades: análise de conteúdo, medidas diretas e medidas indiretas.

Análise de conteúdo

Essa abordagem envolve uma análise de conteúdo do tratamento dado às línguas e às variedades linguísticas, e a seus falantes dentro da sociedade. Os estudos a ela relacionados envolvem métodos etnográficos, observacionais, e também a observação participante e estudos de muitas fontes do domínio público.

A literatura sobre atitudes linguísticas pouco menciona estudos que empregam essa abordagem. Isso, porém, não se deve ao fato de que haja escassez de trabalho. É mais provável que haja uma grande quantidade de dados atitudinais em um bom número de estudos etnográficos que simplesmente não sejam examinados sob tal perspectiva.

Segundo Garret, Coupland e Williams (2003, p. 15-16), a visão predominante das pesquisas que levam em conta a análise de conteúdo entre os pesquisadores de atitudes linguísticas, especialmente aqueles que atuam na tradição da pesquisa social, é que ela é muito informal, e, por isso, é vista como preliminar para estudos mais rigorosos da sociolinguística e da psicologia social, talvez como uma fonte de validade convergente dos dados coletados através dos métodos direto e indireto. Essa abordagem pode ser apropriada em situações onde as restrições de tempo e espaço não permitem acesso direto aos informantes, ou onde os informantes podem ser acessados apenas sob condições altamente não naturais.

Abordagem direta

A análise de conteúdo tem como uma de suas características o fato de ser o pesquisador quem infere as atitudes a partir dos comportamentos observados e da análise dos documentos. Na abordagem direta, ao contrário, são os próprios informantes que são solicitados a relatarem suas atitudes.

Uma questão metodológica central que ela envolve é se as afirmações verbais dos informantes acerca de suas atitudes e de suas reações comportamentais em situações concretas podem ser interpretadas como manifestações das mesmas disposições subjacentes.

Admitindo que isto possa ser resolvido, as atitudes linguísticas podem ser medidas diretamente com entrevistas e/ou questionários voltados para aspectos específicos da língua. Em 1966, Labov, em seu trabalho sobre New York City, pediu que os informantes escolhessem, entre duas pronúncias alternativas, a que eles usavam e qual a que eles achavam que poderiam usar.

A abordagem direta tem sido utilizada em vários contextos e com vários objetivos. Ela tem facilitado mais pesquisas em línguas, variedades linguísticas e traços linguísticos do que a análise de conteúdo.

Uma questão central para a abordagem direta é a maneira como os dados devem ser coletados. Quanto a isso, podemos ter, em princípio, duas técnicas: uma que prevê a obtenção dos dados a partir do contato pessoal e com respostas diretas do informante, e outra que usa a resposta escrita. Em geral, essa é a metodologia que tem sido utilizada nos estudos sobre atitude linguística que foram realizados no Brasil.

Abordagem indireta

Uma terceira abordagem metodológica usada nos estudos de atitude tenta confiar mais em medidas indiretas. Esta abordagem, referida como ‘paradigma de avaliação do falante’ exige que os participantes avaliem falantes gravados sem que quaisquer rótulos sociais sejam identificados. A avaliação pode cobrir uma variedade de itens, com o objetivo de avaliar inteligência, cordialidade, etc. Como outros fatores são supostamente controlados, as avaliações do falante devem refletir as atitudes subjacentes do ouvinte em relação à variedade linguística alvo ou ao comportamento.

A técnica utilizada na obtenção dos dados foi desenvolvida e utilizada por Lambert *et al.* (1960, 1965) e ficou conhecida como “técnica matched-guise”. Ela faz uso da língua e das variações dialetais para eliciar as impressões estereotipadas que os membros de um grupo social têm em relação a outro grupo.

O procedimento envolve as reações dos ouvintes (referidos como juízes) às gravações de falantes em diferentes línguas ou dialetos. Aos juízes é solicitado que eles ouçam as gravações e avaliem as características da personalidade de cada falante, usando como pista apenas a voz.

Os estudos que utilizam essa abordagem têm mostrado que as variações na fala desempenham um importante papel na percepção social e que a técnica utilizada pode ser

um meio útil para examinar os pensamentos estereotipados de membros de um grupo social, étnico ou cultural, quando avaliam outros grupos.

Ao longo dos anos, desde a sua concepção, essa técnica tem sofrido modificações, principalmente em função das críticas que lhe foram feitas, mas ela ainda continua sendo usada como uma forma de obtermos acesso a julgamentos de valores em relação a diferentes usos da língua.

A CONSCIÊNCIA DO FALANTE E OS PROCESSOS VARIÁVEIS

As abordagens metodológicas mencionadas acima, principalmente as duas últimas, estão estreitamente relacionadas com o problema da avaliação mencionado em Weinreich, Labov, Herzog (1968). A abordagem direta envolve a obtenção de dados que esclarecem atitudes gerais e aspirações, e a abordagem indireta garante, como resultado, as reações subjetivas. Essas reações subjetivas, por sua vez, podem ser conscientes ou inconscientes.

A noção de consciência é de suma importância não apenas quando a pesquisa é sobre reações subjetivas. Ela é crucial para o fenômeno da mudança linguística, que pode ser classificada como acima e abaixo do nível de consciência; para a classificação das variáveis linguísticas em indicadores, marcadores e estereótipos; para as análises de estilo, relacionando-o à fala cuidada em oposição à fala casual; para a discussão da ideologia linguística em termos de normas e valores explícitos e implícitos.

Para Kristiansen (2011, p. 266), em parte, o paralelismo entre a consciência social e a hierarquia socioeconômica é fácil de apreender e aceitar, na medida em que “mudanças de cima” são introduzidas pela classe social dominante, sempre com plena consciência pública. Em geral, elas representam empréstimos de outras comunidades linguísticas que têm prestígio mais alto na visão da classe dominante. O outro paralelismo, entretanto, é difícil de aceitar, principalmente porque as mudanças de baixo podem ser introduzidas por quaisquer classes sociais.

Ao tratar das variáveis linguísticas, Labov (1972) apresenta três tipos que podemos relacionar à consciência social: indicadores, marcadores e estereótipos.

Os indicadores são aquelas variáveis que possuem uma distribuição regular entre um grupo de falantes, com uso uniforme em todos os contextos, mas que permite a distinção entre esse e outros grupos de falantes. Este tipo de variável nem sempre é

avaliada de forma negativa em estudos de atitude. Uma variável que poderíamos citar como indicador seria a “vogal média pretônica” no português brasileiro.

Os marcadores variam de grupo social para grupo social e possuem uma distribuição estilisticamente motivada. Nem sempre os falantes que utilizam essas variáveis têm plena consciência, embora possam avaliá-las, caso sejam solicitados. Bons exemplos de indicadores no português brasileiro são “o apagamento do ‘d’ no grupo –ndo” e a “redução dos ditongos decrescentes”. Nos estilos monitorados, o uso dessas variáveis tem sido atestado ser amenizado.

Os estereótipos são mais facilmente referidos pelos falantes como típicos de uma variedade linguística que não é muito prestigiada. Essas variáveis são, em geral, estigmatizadas. Os estereótipos, em geral, levam à implementação da mudança linguística, com a adoção da forma de prestígio da variedade padrão. No português brasileiro, podemos avaliar como estereótipos algumas variáveis que são características de determinados grupos dialetais: “a palatalização das fricativas coronais /s,z/ “ e o “rótico retroflexo” são visto como característicos dos falares do Rio de Janeiro e de São Paulo, respectivamente, muito embora saibamos que em outras partes do Brasil elas são encontradas.

Em geral, a consciência social é acompanhada pela mudança de estilo. Isto, por sua vez, tem a ver com a proposta de Labov (1966, 1972) para estilo, segundo a qual a análise da variação estilística se fundamenta na noção de atenção, que, por sua vez, está estreitamente relacionada à consciência.

Segundo Kristiansen (2011, p. 269), qualquer estudo de ‘atitude’ e ‘ideologia’ precisam apresentar de forma bastante clara essas entidades em termos de significado social, normas e valores. Para ela, desde o estudo de Labov sobre o falar de New York, a distinção básica no domínio da ideologia linguística foi entre valores sociais explícitos e implícitos. Essa distinção, entretanto, nunca se baseou claramente em consciência e atenção, como aconteceu com os indicadores, marcadores e estereótipos e com a fala cuidada e a fala casual.

SOBRE PERCEPÇÃO

A variação na fala pode ser detectada em diferentes níveis: intrafalante, interfalante, em nível da realização segmental, no contexto da palavra, etc. Normalmente, abordagens tradicionais relacionadas ao estudo de percepção da fala e ao processamento

da língua falada ignoram essas fontes de variação e se pautam nas descrições fonêmicas abstratas imunes à variabilidade presente entre enunciados, falantes e contextos. Uma diferente abordagem, entretanto, reconhece que essas fontes de variação são consequências naturais da mudança linguística e investiga como a variabilidade é processada na percepção da fala.

Os pesquisadores que estão interessados em estudar a percepção da fala humana necessitarão considerar não só os efeitos da variação linguística nos falantes, mas também o impacto da variação dialetal e as implicações dessas diferenças para as tarefas de processamento da língua falada.

A despeito da relação óbvia entre pesquisa de percepção da fala e pesquisa sociolinguística sobre variação na produção da fala, pesquisadores de percepção da fala e sociolinguistas têm trabalhado de forma isolada, cada um realizando seu trabalho.

Os pesquisadores da fala estão interessados em descobrir formas de entender e modelar como as pessoas percebem, processam e codificam a língua falada e se debatem com questões sobre a invariância acústico-fonética no sinal da fala e com o papel dos diferentes tipos de variabilidade no processamento da língua. Além disso, os linguistas teóricos têm também trabalhado sob a hipótese de que a língua pode ser modelada como um sistema simbólico idealizado com representações subjacentes relativamente fixas. A variação no nível fonético não tem sido considerada relevante para entender, modelar ou descrever a língua sob essa visão simbólica. Até recentemente, a variação na fala era tratada como uma fonte de ruído: isto é, como um conjunto de atributos que era irrelevante para as representações subjacentes sob as quais os processos simbólicos operavam. Assim, as diferenças fonéticas entre falantes eram tratadas como um conjunto indesejável de atributos que necessitavam ser reduzidos ou eliminados a fim de revelar as verdadeiras propriedades linguísticas subjacentes da mensagem. (CLOPPER; PISONI, 2005, p. 314).

Em contraste à abordagem tipicamente psicolinguística, os sociolinguistas descrevem a variação natural como ocorre nos níveis social, regional e étnico, e eles têm se deparado com questões sobre as implicações sociais da variabilidade, tais como estereótipos, preconceito, e atitude linguística como elas têm impacto sobre a sala de aula e o mercado de trabalho. Até recentemente, contudo, a questão de como a variação na língua é percebida, processada e codificada por ouvintes, a fim de permitir-lhes fazer julgamentos sociais baseados em amostras de fala tinha sido amplamente ignorada tanto por pesquisadores da fala como por sociolinguistas.

Onde a percepção da fala e a sociolinguística se cruzam

Pesquisadores que trabalham com os campos da sociolinguística e da percepção da fala têm fornecido muitas evidências para sustentar a noção de que a variação linguística entre os falantes que se deve a diferenças regionais e étnicas é real e robusta e é uma importante propriedade da língua falada. Sabemos menos do que os ‘leigos’ ouvintes sabem sobre essas fontes de variação. Enquanto os sociolinguistas gastam muito de seu tempo documentando a variação linguística que existe, os pesquisadores de percepção da fala têm devotado seu tempo e esforço a reduzir ou eliminar essas fontes naturais da variabilidade ou simplesmente ignorando-as inteiramente.

Há várias metodologias de pesquisa, contudo, que têm sido usadas para investigar a questão sobre o que os “leigos” ouvintes sabem sobre variação linguística étnica e regional. Algumas dessas metodologias experimentais se originam da psicologia social, tais como julgamentos de atitude e a técnica *matched-guise*. Outras têm sido desenvolvidas no campo da dialectologia perceptual, tais como as tarefas de *map-drawing*. Ainda outras se originam da linguística forense, como a imitação do sotaque e a caricatura. Finalmente, mais recentemente, vários pesquisadores têm explorado métodos experimentais desenvolvidos na psicologia cognitiva para explorar a percepção da variação nas tarefas de discriminação, identificação e categorização.

Para Klatt (1989), há importantes razões teóricas envolvidas na compreensão da variação dialetal e da percepção. A fim de melhor entendermos o processo de percepção da fala humana, necessitamos aprender mais sobre como as principais fontes de variação são percebidas e codificadas ao longo da mensagem linguística do enunciado.

Pesquisadores dos mais diversos campos – psicologia social, sociolinguística, linguística forense, psicolinguística e psicologia cognitiva – têm contribuído para o número crescente de estudos sobre a relação entre variação regional, social, étnica e a percepção da fala. Os resultados desses diferentes estudos, como afirmam Clopper e Pisoni (2005, p. 333-334) revelam que os ouvintes leigos são conscientes da variação linguística à medida que eles podem imitá-la, usá-la para identificar de onde são as pessoas e fazer julgamentos sobre as características sociais dos falantes.

Com esta proposta que estamos apresentando, teremos condições de ratificar tais afirmativas, submetendo os dados obtidos ou os instrumentos elaborados à avaliação de ouvintes leigos e letrados, a fim de testarmos sua percepção acerca da variabilidade

presente na língua, principalmente no que concerne aos processos linguísticos selecionados.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

O Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB) representa uma proposta de pesquisar a realidade linguística da comunidade de João Pessoa, tendo em vista os seguintes objetivos:

- traçar o perfil linguístico, em nível fonético-fonológico e gramatical dos falantes da comunidade de João Pessoa, observando fatores estruturais e sociais que interferem no uso da língua;
- desenvolver estudos, em nível fonético-fonológico e gramatical, visando a subsidiar o ensino da Língua Portuguesa em todos os níveis;
- estabelecer comparações, em nível regional e nacional, com estudos realizados, salientando as divergências dialetais e as semelhanças.

A metodologia utilizada na constituição do *corpus* foi a mesma utilizada pelos trabalhos de Sociolinguística que se baseiam na perspectiva variacionista. Utilizando a técnica de amostra aleatória por área, foram selecionados 60 (sessenta) informantes, com base nos seguintes requisitos:

- ser natural de João Pessoa ou morar nessa cidade desde os cinco anos de idade;
- nunca ter-se ausentado de João Pessoa por mais do que dois anos consecutivos.

A partir destes critérios foram selecionados os 60 (sessenta) informantes que comporiam a amostragem que constitui o *corpus* do VALPB, assim estratificada:

1) Sexo:

Masculino *30 informantes*

Feminino *30 informantes*

2) Faixa Etária:

15 a 25 anos *20 informantes*

26 a 49 anos *20 informantes*

mais de 50 anos *20 informantes*

3) Anos de escolarização:

Nenhum *12 informantes*

1 a 4 anos *12 informantes*

5 a 8 anos *12 informantes*

9 a 11 anos *12 informantes*

mais de 11 anos *12 informantes*

Na coleta dos dados, após a aplicação de uma ficha social, usamos a entrevista como instrumento. Os dados resultantes foram, a partir de março de 1994, transcritos e armazenados eletronicamente. Atualmente, o *corpus* do VALPB encontra-se publicado, podendo ser consultado pela comunidade científica interessada em analisar a língua em uso pela comunidade pessoense.

A partir de março de 1995, procedemos à análise de alguns fenômenos linguísticos encontrados no *corpus*, contando com a participação de alunos bolsistas de Pós-Graduação e de Graduação que, com o auxílio do CNPq e da CAPES, descreveram e analisaram a fala do pessoense. Na fase atual, esse *corpus* tem servido de base para estudos que integram a linha de pesquisa sobre estudos variacionistas do Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba e tem sido também utilizado por pós-graduandos de outras universidades.

Os estudos desenvolvidos até o momento, utilizando como metodologia o pacote de programas VARBRUL (PINTZUK, 1988) e com base nos pressupostos da Teoria da Variação, seguindo Labov (1966, 1972), têm-se voltado para diferentes áreas da Linguística.

Amostragem dos falantes do VALPB – fase III - atual

Na proposta original do VALPB, realizamos a estratificação social da comunidade de João Pessoa levando em conta as variáveis sexo, anos de escolarização e faixa etária. Com essa estratificação, selecionamos, aleatoriamente, sessenta (60) informantes.

Os trabalhos realizados com esse conjunto de informantes nos mostraram que os resultados com falantes sem escolarização e falantes com 01 a 04 anos, bem como falantes

com 09 a 11 anos e falantes com mais de 11 anos de escolarização, sempre tiveram resultados muito próximos o que levou, no tratamento estatístico, a serem amalgamados. Com isso, nossa proposta nessa fase foi reduzir o número de informantes para 36, assim ficando a estratificação:

Sexo: 18 informantes do sexo masculino

18 informantes do sexo masculino

Faixa etária: 15 a 25 anos – 12 informantes

26 a 49 anos – 12 informantes

Mais de 49 anos – 12 informantes

Anos de escolarização: sem escolarização: sem escolarização – 12 anos

05 a 08 anos de escolarização – 12 anos

Mais de 11 anos de escolarização – 12 anos

Para o desenvolvimento dessa nova fase, buscaremos, em um primeiro momento, recontactar os informantes de 1993, cujas informações temos disponíveis em nosso banco de dados do projeto VALPB e que caracterizarão o estudo de painel. Aqueles que, por alguma razão, não forem encontrados ou não aceitarem voltar a participar da proposta serão substituídos por outros informantes escolhidos de forma aleatória, mas que preencham as mesmas características da estratificação adotada, caracterizando o estudo de tendência. É a soma desses dois tipos de estudos que contribuirá para entendermos os processos de mudança, ou não, envolvidos em nossos objetos de estudo.

Para que a escolha seja mesmo aleatória, aplicaremos o mesmo questionário que aplicamos em 1993, buscando obter informações acerca do informante que atendam ao seguintes requisitos:

- ser filho de pais nascidos em Joao Pessoa;
- ter morado sempre em João Pessoa, e nunca ter estado ausente por mais de dois anos consecutivos;
- estar disponível para contribuir com a pesquisa.

Uma vez selecionados os informantes que atendam esses requisitos, voltaremos a seus domicílios para aplicarmos os instrumentos de coleta.

Amostragem dos ouvintes avaliadores

Na constituição dessa amostragem, selecionaremos 20 ouvintes leigos e 20 ouvintes letrados.

Dos 20 ouvintes leigos, 10 serão estudantes da Universidade Federal da Paraíba de cursos que não incluam o Curso de Letras ou da área de humanas, e os outros 10 serão estudantes do Ensino Médio, sendo, para cada um desses estratos, 05 do sexo masculino e 05 do sexo feminino.

Os 20 ouvintes letrados deverão ser estudantes do Curso de Letras, sendo 10 do sexo feminino e 10 do sexo masculino. Desses, 10 deverão estar no segundo semestre letivo do curso à época, e os outros 10 deverão estar no último ano do curso.

Na escolha dos ouvintes, levaremos em conta os seguintes requisitos:

- ser filho de pais nascidos em João Pessoa;
- ter nascido em João Pessoa e nunca ter estado ausente por mais de dois anos;
- estar disponível para contribuir com a pesquisa.

Instrumentos de coleta

a) ficha social – sua aplicação tem como objetivo obter informações para a elaboração da entrevista.

b) entrevista - a entrevista tem como objetivo obter dados de fala espontânea. Ela será elaborada também em função dos estilos formal e casual que queremos contralhar. A entrevista será realizada apenas com os informantes que comporão a amostragem do VALPB, não será aplicada aos ouvintes.

c) inquérito fonético – apresentação de gravuras relacionadas às três variáveis selecionadas com palavras que contemplem diferentes contextos linguísticos de uso.

d) teste de atitude e de percepção – utilizando a abordagem direta, com questões voltadas para a “língua”, avaliaremos o informante da amostragem no que diz respeito a sua atitude em relação às possibilidades de uso das variáveis controladas; utilizando a abordagem indireta, lançaremos mão da técnica *matched guise*, conforme apresentado na revisão da literatura, seção 2.3.1.3. Também aplicaremos um teste de atitude e percepção aos ouvintes leigos e letrados, utilizando a mesma técnica, manipulando os dados da entrevista para termos controle das variáveis escolhidas para o projeto. Quanto à

percepção, interessa-nos verificar até que ponto o ouvinte percebe as nuances que envolvem uma variável. Em relação à atitude, avaliaremos o julgamento do ouvinte das características do falante propriamente dito (identidade social, identidade profissional, estética da voz, etc.).

Na gravação das entrevistas, utilizaremos gravador Marantz Professional e microfone unidirecional. O teste de atitude e de percepção para os ouvintes leigos e letrados será realizado em sala com isolamento acústico.

A primeira parte da pesquisa corresponde à composição da amostra resultante de recontato. Ela nos permitirá tratar os dados, de um lado, com a metodologia quantitativa nos moldes adotados por Labov (1972), de outro lado com a metodologia qualitativa. Para essa etapa, definimos, operacionalmente, a metodologia que utilizaremos, considerando as três variáveis selecionadas: palatalização das oclusivas dentais /t,d/, vogais médias pretônicas e palatalização das fricativas coronais /s,z/, seção 4.1.2.

A segunda etapa corresponde ao teste de atitude e de percepção para os ouvintes leigos e letrados.

ATIVIDADES DE ORIENTAÇÃO

Aqui elencarei os trabalhos de conclusão de curso que tiveram como base a proposta variacionista que tem norteado nosso trabalho enquanto pesquisador. Esses trabalhos correspondem ao conjunto de teses, dissertações e orientações de iniciação científica.

Teses

Gilson Chicon Alves. O acento secundário: estudo à luz da fonologia métrica e da sociolinguística. 2012. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba. Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Juliane Lopes Ribeiro Pedrosa. Análise do /s/ pós-vocálico na PB: coda ou onset com núcleo foneticamente vazio?. 2009. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba. Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Rubens Marques de Lucena. Busca por padrões silábicos não marcados no Português Brasileiro: uma abordagem baseada em restrições. 2007. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba. Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Dissertações

Greiciane Pereira Mendonça. ATAQUE SILÁBICO COMPLEXO: O APAGAMENTO DO TEPE [P] POR PESSOENSES ADULTOS. 2011. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba. Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Rafaela Veloso Machado. Processo de Elisão no Falar Pessoense. 2008. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, . Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Sílvia Renata Ribeiro. Apagamento da sibilante final em lexemas: uma análise variacionista do falar pessoense. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, . Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Elton Jones Barbosa de Andrade. Palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ na fala pessoense. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, . Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Antônia Verônica de Andrade Neta. Alternância seu/dele no falar pessoense. 2003. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Cristiane da Silva Baltor. Estudo variacionista do Objeto Direto de 3a. pessoa em série anafórica no falar pessoense. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba. Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Kátia Lúcia Lins da Silva. Elevação das vogais médias pretônicas em contexto nasal no início de vocábulos na comunidade de João Pessoa. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Mário Anastácio Galdino do Vallo. A regência variável do verbo ir de movimento na fala pessoense. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Iara Ferreira Melo Martins. Apagamento da oclusiva dental /d/ no grupo -ndo. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Rosângela Neres Araújo da Silva. Variação ter/haver na fala pessoense. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Sandra Maria de Oliveira Marques. A produção variável do fonema /v/ em João Pessoa. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Gilson Chicon Albuquerque. Aspectos do uso do imperativo na linguagem oral do pessoense. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Rubens Marques de Lucena. Comportamento sociolinguístico da preposição para na fala da Paraíba. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, . Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Vanilda Ferreira Lopes Nunes. Preenchimento do sujeito pronominal na fala da comunidade de João Pessoa. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Juliene Lopes Ribeiro. A ordem SV/VS no falar pessoense. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Alvanira Lúcia de Barros. O uso da relativa cortadora na fala pessoense. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Paula Frassinetti Lima Ferraz. A nasal final em formas verbais de terceira pessoa plural. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Sandra Espíndola dos Anjos. O estudo variacionista da concordância verbo-sujeito na fala pessoense. 1999. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Maria de Fátima de Souza Aquino. Processo de Ditongação Diante dos Fonemas S e Z Na Fala do Pessoense. 1997. Dissertação - Universidade Federal da Paraíba, . Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Fabiana Souza Silva. Processo de Monotongação em Joao Pessoa. 1997. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Regina Celi Mendes Pereira. Estudo das Vogais Pretonicas Na Fala do Pessoense Urbana. 1997. Dissertação - Universidade Federal da Paraíba, . Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Hebe Macedo de Carvalho. Concordancia Nominal: Uma Analise Variacionista. 1997. Dissertação - Universidade Federal da Paraíba, . Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Eliene Alves Fernandes. Nos, A Gente: Variacao Em Joao Pessoa. 1997. Dissertação - Universidade Federal da Paraíba, . Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Nadir Arruda Skeete. Analise Variavel da Vibrante Na Fala da Cidade de Joao Pessoa. 1996. Dissertação - Universidade Federal da Paraíba, . Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Iniciação Científica

Paloma da Silva Félix. Variação, estilo e atitude na comunidade de João Pessoa-PB. 2013. Iniciação Científica. (Graduando em Letras - Língua Portuguesa) - Universidade Federal da Paraíba, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Izete de Souza Lima. Análise Fonológica da Fricativa Coronal /s/ em Posição de Coda: uma análise comparativa com aportes sociolinguísticos. 2010. Iniciação Científica. (Graduando em Licenciatura em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Priscila Evangelista Morais. As relações entre fala e leitura em escolas públicas e privadas de ensino Fundamental I na cidade de João Pessoa. 2010. Iniciação Científica. (Graduando em Licenciatura em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Alessandra de Carvalho Barbosa. Sândi vocálico. 2007. Iniciação Científica. (Graduando em Licenciatura em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Rafaela Veloso Machado. Processos de Sândi Vocalico em João Pessoa. 2005. Iniciação Científica. (Graduando em Licenciatura em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal da Paraíba. Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Wagner Luiz Araújo Dutra. Introdução aos estudos de degeminação em João Pessoa. 2004. Iniciação Científica. (Graduando em Licenciatura em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Ana Clarissa Santos Beserra. Apagamento da nasal /n/ em posição de coda em não verbos na fala do pessoense. 2003. Iniciação Científica. (Graduando em Licenciatura em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Kátia Lúcia Lins da Silva. Elevação da vogal média pretônica em contexto nasal. 1999. Iniciação Científica. (Graduando em Licenciatura em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal da Paraíba. Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Mário Anastácio Galdino do Vallo. O uso variável da regência do verbo ir de movimento no dialeto pessoense. 1999. Iniciação Científica. (Graduando em Licenciatura em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal da Paraíba. Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Antônia Verônica de Andrade Neta. Alternância seu/dele no dialeto pessoense. 1999. Iniciação Científica. (Graduando em Licenciatura em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal da Paraíba. Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Cristiane da Silva Baltor. Uso variável do objeto direto anafórico na fala pessoense. 1999. Iniciação Científica. (Graduando em Licenciatura em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Rubens Marques de Lucena. Variação da preposição "para" no falar pessoense. 1999. Iniciação Científica. (Graduando em Licenciatura em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Juliane Lopes Ribeiro Pedrosa. Concordância verbal: o pronome tu 1998. Iniciação Científica. (Graduando em Licenciatura em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Sandra Maria de Oliveira Marques. Aspiration das fricativas na fala pessoense. 1998. Iniciação Científica. (Graduando em Licenciatura em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal da Paraíba. Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Rosângela Neres Araújo da Silva. Variação ter/haver na fala pessoense. 1998. Iniciação Científica. (Graduando em Licenciatura em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Iara Ferreira de Melo Martins. Apagamento da oclusiva dental /d/ no grupo -ndo. 1998. Iniciação Científica. (Graduando em Licenciatura em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Sandra Espíndola dos Anjos. Concordância Verbo-Sujeito no Falar Pessoense. 1997. Iniciação Científica. (Graduando em Licenciatura em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal da Paraíba. Orientador: Dermeval da Hora Oliveira.

Outras produções relacionadas ao VALPB

HORA, Dermeval da ; PEDROSA, J. L. R. . Fricativa coronal pós-vocálica: descrição e análise. Letras & Letras (UFU. Impresso), v. 28, p. 305-327, 2012.

HORA, Dermeval da ; Wetzels, Leo . A variação linguística e as restrições estilísticas. Revista da ABRALIN, v. 1, p. 147-188, 2011.

HORA, Dermeval da ; PEDROSA, J. L. R. ; CARDOSO, W. . Status da consoantes pós-vocálica no português brasileiro: coda ou onset com núcleo não preenchido foneticamente?. Letras de Hoje, v. 45, p. 71-79, 2010.

HORA, Dermeval da ; LUCENA, Rubens Marques de . Conspiração e demção: mecanismos de simplificação da estrutura silábica. Alfa : Revista de Linguística (UNESP. São José do Rio Preto. Impresso), v. 2, p. 351-368, 2008.

HORA, Dermeval da ; PEDROSA, J. L. R. . Análise do /S/ em coda silábica: uma proposta de hierarquização dos candidatos gerados. Revista Virtual de Estudos da Linguagem, v. 5, p. 1-16, 2007.

HORA, Dermeval da ; LUCENA, Rubens Marques de . Demoção de fidelidade na evolução do Português: uma abordagem baseada em restrições. Revista da ABRALIN, v. VI, p. 9-36, 2007.

HORA, Dermeval da . Vocalização da lateral /l/: correlação entre restrições sociais e estruturais. Scripta (PUCMG), v. 9, p. 31-46, 2006.

HORA, Dermeval da ; COLER-THAYER, M. L. . Brazilian Portuguese lateral /l/ vocalization: social and articulation observations. Lingua(gem), Santa Maria, v. 2, n.2, p. 267-290, 2005.

HORA, Dermeval da ; ESPINOLA, S. . O paralelismo linguístico e sua atuação no processo variável da concordância verbo-sujeito. Revista da ABRALIN, Brasília, v. 3, n.1 e 2, p. 217-242, 2004.

HORA, Dermeval da . Teoria Fonológica e variação: a fricativa coronal /s/. Letras de Hoje, Porto Alegre, n.127, p. 199-221, 2002.

HORA, Dermeval da ; PEDROSA, J. L. R. . A ordem sujeito/verbo na comunidade de João Pessoa: encaixamento linguístico. Leitura. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras (UFAL), Maceió, v. 25, p. 89-118, 2002.

HORA, Dermeval da . Processo de palatalização das fricativas na Língua Portuguesa. Revista do GELNE (UFC), Fortaleza, n.n.2, p. 34-36, 1999.

HORA, Dermeval da ; PEREIRA, R. C. M. . Vogal da sílaba seguinte: uma restrição ao comportamento das vogais médias pretônicas. Graphos (João Pessoa), João Pessoa, v. 3, n.01, p. 63-74, 1998.

HORA, Dermeval da ; CHRISTIANO, M. E. A. . O item lexical "pronto": marcador discursivo e interativo. Graphos (João Pessoa), João Pessoa, v. 3, n.01, p. 98-107, 1998.

HORA, Dermeval da . A Palatalizacao das Oclusivas Dentais e As Restricoes Sociais. GRAPHOS, v. 2, n.1, p. 116-135, 1997.

HORA, Dermeval da . A Palatalizacao da Oclusiva Dental e A Fonologia Lexical. ESTUDOS LINGUISTICOS E LITERARIOS, n.17, p. 11-24, 1995.

HORA, Dermeval da; BISOL, Leda. A Palatalizacao da Oclusiva Dental e A Fonologia Lexical. LETRAS, n.5, p. 25-40, 1993.

HORA, Dermeval da . A Mudanca Linguistica e A Teoria da Variacao. GUAIRACA, n.8, p. 81-100, 1991.

HORA, Dermeval da . A Palatizacao das Oclusivas Dentais: Contextos Linguisticos Favorecedores e Inibidores. EDUCACAO E COMPROMISSO, v. 3, n.1, p. 33-46, 1991.

Livros publicados/organizados ou edições

HORA, Dermeval da. Projeto Variação Linguística no Brasil. João Pessoa: Idéia, 2005.

HORA, Dermeval da (Org.). Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade. Santa Maria: Pallotti, 2004. 286p .

HORA, Dermeval da (Org.); PEDROSA, J. L. R. (Org.) . Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba-VALPB. João Pessoa: Idéia, 2001. v. 5.

HORA, D. ; **HORA, Dermeval da** . Diversidade Linguística No Brasil. JOAO PESSOA: EDITORA IDEIA, 1997. 150p .

Capítulos de livros publicados

HORA, Dermeval da . Estio: uma perspectiva variacionista. In: Edair Maria Gorski; Izete Lehmkuhl Coelho; Christiane Maria N. de Souza. (Org.). Variação linguística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise. 1ed.Florianópolis: Insular, 2014, v. 1, p. 19-30.

HORA, Dermeval da. Monotongação de ditongos crescentes: realidade linguística e social. In: Tânia Lobo. (Org.). ROSAE. 1ed.Salvador: EDUFBA, 2013, v. 1, p. 349-357.

HORA, Dermeval da. Brazilian Portuguese Lateral /l/ Vocalization: Social and Structural Constraints. In: Georgeta Rata. (Org.). Linguistic Studies of Human Language. 1ed.Athens: Athens Institute for Education and Research, 2013, v. 1, p. 225-240.

HORA, Dermeval da; BATTISTI, E. . Análise Fonológica de Processos Variáveis do Português Brasileiro. In: Leda Bisol; Gisela Collischonn. (Org.). Fonologia: teoria e perspectivas. 1ed.Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013, v. 1, p. 101-116.

HORA, Dermeval da. Prestígio e estigma associados a um processo fonológico. In: Valdir Flores; Marlene Teixeira. (Org.). O sentido na linguagem: uma homenagem à Professora Leci Borges Barbisan. Porto Alegre: EDICPUCRS, 2012, v. , p. 51-70.

HORA, Dermeval da. Sociolinguística. In: Ana Cristina de Sousa Aldrigue; Jan Edson Rodrigues Leite. (Org.). Linguagens: usos e reflexões. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011, v. 8, p. 69-109.

HORA, Dermeval da. Variação Dialetoal e Atitude. In: Dermeval da Hora; Esmeralda Vailati Negrão. (Org.). Estudos da linguagem: casamento entre temas e perspectivas. 1a.ed.João Pessoa: Ideia / Editora Universitária, 2011, v. 01, p. 16-41.

SOUZA, J. W. A. ; **HORA, Dermeval da** . A variável vibrante /r/ na coda silábica: uma análise variacionista com implicações para a Fonologia do Português. In: Coordenação de Pesquisa da YFB. (Org.). Iniciados. João Pessoa: Editora Universitária, 2010, p. 34-43.

HORA, Dermeval da. Mudança fônica. In: Dermeval da Hora; Camilo Rosa da Silva. (Org.). Para a História do Português Brasileiro: abordagens e perspectivas. João Pessoa: Editora Universitária - UFPB, 2010, p. 45-63.

HORA, Dermeval da. Uso Variável das oclusivas dentais: uma reflexão sobre a mudança de estilo. In: Emil Casanova Herrero; Cesario Calvo Rigual. (Org.). Proceedings of the 26th International Congress of Romance Linguistic and Philology. 1ed. Holland: De Gruyter, 2010, v. I, p. 645-656.

HORA, Dermeval da; SILVA, A. P. . Apagamento da vogal postônica não-final: um estudo sociolinguístico. In: Dermeval da Hora. (Org.). Vogais no ponto mais oriental das Américas. João Pessoa: Editora Universitária, 2009, p. 27-36.

HORA, Dermeval da; LUCENA, Rubens Marques de ; PEDROSA, J. L. R. . A inserção vocálica após a coda silábica: uma abordagem variacionista. In: Dermeval da Hora. (Org.). Vogais no ponto mais oriental das Américas. João Pessoa: Editora Universitária, 2009, p. 75-95.

HORA, Dermeval da; PEDROSA, J. L. R. . Comportamento variável da fricativa coronal pós-vocálica. In: Silvana Soares Costa Ribeiro; Sônia Bastos Borba Costa; Suzana Alice Marcelino Cardoso. (Org.). Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 111-128.

HORA, Dermeval da. Estudos variacionistas na Paraíba: de onde viemos, onde chegamos e para onde vamos. In: Sebastião Votre; Cláudia Roncarati. (Org.). Anthony Julius Naro e a Linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica. Rio de Janeiro: FAPERJ / 7 Letras, 2008, v. , p. 83-87.

HORA, Dermeval da; LUCENA, Rubens Marques de . Faithfulness demotion in the historical phonology of Portuguese: a constraint-based account. In: Leda Bisol; Cláudia R. Brescancini. (Org.). Contemporary Phonology in Brazil. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2008, v. Único, p. 123-142.

HORA, Dermeval da; PEDROSA, J. L. R. . Reanálise da consoante em final de palavra: coda ou ataque de núcleo vazio?. In: Cláudia Roncarati; Jussara Abraçado. (Org.). Português Brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: EDUFF, 2008, p. 79-92.

HORA, Dermeval da; BALTOR, C. S. . Estudo variacionista do objeto direto anafórico no falar pessoense. In: Ataliba T. de Castilho; Maria Aparecida Torres Morais; Ruth E. Vasconcelos Lopes; Sônia M. L. Cyrino. (Org.). Descrição, história e aquisição do português brasileiro. Campinas: Pontes / FAPESP, 2007, v. 1, p. 49-60.

HORA, Dermeval da . Contribuições da sociolinguística variacionista para o ensino: relação entre fala e leitura. In: Camilo Rosa Silva. (Org.). Ensino de Português: demandas teóricas e práticas. João Pessoa: Idéia, 2007, p. 39-50.

HORA, Dermeval da. Variação fonológica: consoantes em coda silábica. In: Luiz Carlos Travaglia. (Org.). Encontro na Linguagem: estudos linguísticos e literários. Uberlândia: EDFU, 2006, p. 81-102.

HORA, Dermeval da. Teoria da variação: trajetória de uma proposta. In: Dermeval da Hora. (Org.). Aspectos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade. 1aed.Santa Maria: Pallotti, 2004, p. 13-28.

HORA, Dermeval da. Fricativas coronais: análise variacionista. In: Cláudia Roncarati; Jussara Abraçado. (Org.). Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: Viveiro de Castro Editora Ltda., 2003, p. 69-89.

HORA, Dermeval da; MONARETTO, V. O. . Enfraquecimento e apagamento dos róticos. In: HORA, Dermeval; COLLISCHONN, Gisela. (Org.). Teoria Linguística: fonologia e outros temas. João Pessoa: Editora Universitária, 2003, p. 114-143.

HORA, Dermeval da. Variação Linguística e Teoria Fonológica. In: Eliane Ferraz Alves; Maria de Fátima B. de M. Batista; Maria Elizabeth Affonso Christiano. (Org.). Linguagem em foco. João Pessoa: Idéia, 2001, v. , p. 11-27.

HORA, Dermeval da; MARTINS, I. F. M. . Convergências e Divergências na Língua Portuguesa do Brasil. In: Sybille Grosse; Klaus Zimmermann. (Org.). O português brasileiro: pesquisas e projetos. Frankfurt: TFM, 2000, v. , p. 121-134.

HORA, Dermeval da. Variação linguística no Estado da Paraíba: aspectos fonético-fonológicos. In: Sybille Grosse ; Klaus Zimmermann. (Org.). Substandard e mudança no português do Brasil. Frankfurt am Main: , 1998, v. , p. 315-328.

HORA, D.; **HORA, Dermeval da .** Teoria da Variacao: Uma Retrospectiva. DIVERSIDADE LINGUISTICA NO BRASIL. JOAO PESSOA: IDEIA, 1997, v. , p. 135-149.

OUTRAS ATIVIDADES DE PESQUISA

Além do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba-VALPB, outros projetos foram implementados ao longo desse período. Foram projetos que contaram com apoio, principalmente do CNPq, alguns deles contemplados com Edital Universal. Esses projetos envolveram alunos da graduação, alunos da pós-graduação e colegas do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Linguística. Na sequência, apresentamos suas descrições.

2010 - 2012

Variação fonológica no Português Brasileiro: a fala da zona rural

Descrição: Sobre o estado das variedades do português encontradas em comunidades rurais, e seu processo de mudança, pontua-se o fato de elas poderem estar rapidamente perdendo muitos de suas características peculiares, definidas historicamente, antes mesmo de poderem ser devidamente documentadas e estudadas. Esse processo de mudança tem sido acelerado, sobretudo, a partir da segunda metade do século XX com o impulso dos movimentos migratórios. Dentre algumas razões para esse fato, podem ser salientadas as alterações rápidas e às vezes impactantes por que passam essas comunidades, em razão da transmigração e do regresso eventual de muitos de seus membros que saíam em busca de melhores condições de sobrevivência nas capitais de seu estado ou em cidades do sudeste do país. Também se podem pontuar o desenvolvimento e a expansão bastante acelerados dos meios de comunicação em massa, os quais estreitaram distâncias e permitiram aos habitantes interioranos uma proximidade maior com a variedade da capital, considerada de prestígio. A hipótese que norteia esse projeto é a de que uma comunidade de fala tradicionalmente estabelecida na zona rural, pelo fato de manter um contato relativamente restrito com a sede do município, apresente mais variações linguísticas típicas de falares populares do português. Neste Projeto a base teórico-metodológica se ancora, de um lado, na sociolinguística variacionista (LABOV, 1966; 1972; 1995; 2001), quando do levantamento e tratamento dos dados, e, de outro lado, na perspectiva descritiva, cujo resultado será analisado à luz de propostas da fonologia moderna. Com este Projeto, salienta-se a relevância e a urgência da tarefa de se documentar a fala de comunidades do interior do Brasil, formadas historicamente em localidades distantes dos núcleos urbanos aos quais pertencem. Além disso, tem-se a expectativa de que um estudo dessa natureza possa contribuir para os estudos linguísticos no Brasil e para a teoria linguística geral.

Projeto financiado pelo CNPq – Edital Universal

2009 - 2011

Variação Linguística em Tocantins - VALTINS

Descrição: Esse projeto tem como meta traçar o perfil linguístico dos falantes de Tocantins, a partir da descrição do falar de três comunidades: Araguaatins, Paranã e Miracema. A metodologia utilizada segue a proposta variacionista nos moldes labovianos.

Projeto financiado pelo CNPq – Edital Universal.

2003 - 2006

Restrições à coda: uma tendência da Língua Portuguesa com evidências no falar pessoense

Descrição: A restrição à coda é uma tendência da Língua Portuguesa e tem evidências no falar pessoense, podendo a OT, baseada em hierarquização de restrições da Gramática Universal e considerando as restrições da língua específica, melhor expressar a visão da condição evite coda na Língua Portuguesa. A partir desse pressuposto, esse projeto analisa as consoantes em posição de coda no português brasileiro a partir dos resultados obtidos no VALPB comparados aos obtidos em documentos dos séculos XVIII, XIX e XX existentes no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. Além da base teórica da OT, os pressupostos da sociolinguística relacionados à mudança serão considerados.

2003 - Atual

Projeto História do Português da Paraíba

Descrição: A questão básica que norteará o PHPPB diz respeito a como processos linguísticos presentes nos dados sincrônicos do dialeto pessoense, obtidos no *corpus* do VALPB, se apresentam diacronicamente e como se encaixam em nível da Língua Portuguesa do Brasil como um todo. Serão analisados processos fonológicos, sintáticos, semântico-discursivos que, encontrando evidências na língua trabalhada, possam servir como base para generalizações do ponto de vista teórico. O embasamento teórico do Projeto lança mão do modelo laboviano, com ênfase na proposta de Weinreich, Labov e Herzog (1968), da Linguística Histórica, do Funcionalismo Linguístico e Teorias Discursivas.

Projeto integrado por diferentes instituições federais, estaduais.

OUTRAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS

Coordenação de Pós-Graduação

No período de 1993 até 1997, coordenei, na UFPB, o Programa de Pós-Graduação em Letras e no Período de 2006 a 2010, coordenei o Programa de Pós-Graduação em Linguística. Ambas as experiências foram extremamente positivas.

Coordenação da Área de Letras e Linguística na CAPES

A partir da indicação dos coordenadores dos programas de pós-graduação da Área de Letras e Linguística da CAPES, fui indicado para assumir a Coordenação da Área. Experiência ímpar, que teve início em 2011, com portaria para término em novembro de 2017.

O diálogo constante com coordenadores e colegas desses programas têm permitido estabelecer uma política mais específica para a Área de Letras e Linguística e também possibilitado o melhor acompanhamento e avaliação.

Comitê Científico do CNPq

No período de 2009 a 2012, participamos do Comitê Científico do CNPq, como um dos representantes da Área de Linguística.

Presidente do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste – GELNE

No período de 2002 a 2006, assumi a presidência de GELNE. Tive a oportunidade de organizar três eventos que reuniram pesquisadores, alunos de pós-graduação do nordeste e do Brasil, contribuindo para a disseminação de pesquisas nos diferentes níveis da linguística.

Presidente da Associação Brasileira de Linguística – ABRALIN

De julho de 2007 a julho de 2009, presidi a ABRALIN. Foi a primeira vez que a Associação esteve sediada na UFPB. O Congresso que realizamos em fevereiro de 2009 contou com a participação de mais de dois mil inscritos. Trouxemos pesquisadores, não só do Brasil, mas também do exterior, para ofertarem cursos. Uma oportunidade excelente para os colegas de todo o país que estiveram presentes.

Delegado da Associação de Linguística e Filologia da América Latina – ALFAL

Enquanto delegado da ALFAL para o Brasil, temos divulgado entre nossos colegas brasileiros as atividades da Associação. No evento realizado em Alcalá de Henares – Espanha, fizemos a proposta de sediar a realização do Congresso da ALFAL em 2014. Tivemos a aprovação e, em julho de 2014, trouxemos para a UFPB o evento.

Reunimos mais de mil participantes, envolvendo pesquisadores de todo o mundo.
Acreditamos ter cumprido nossa tarefa a contento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dia que se foi, vidas que passaram, tudo tão rápido, mas em tudo que passou um significado deixado. De tantos nomes, Val, Dernival, Dermeval, um fica para mim, Dermeval da Hora. Uma homenagem àquela que, onde quer que esteja, se é possível ainda estar em algum lugar, terá sempre minha gratidão: Leonor da Hora, minha mãe. Ela é a responsável por tudo que aqui esbocei. Sem o seu exemplo de vida acho que não seria nada.

Se minha mãe foi a mola propulsora para meu crescimento, há alguém que durante quinze anos tem sido meu porto seguro: meu companheiro René Wieseman. É ele quem tem me acompanhado, é ele quem entende e permite-me ser eu mesmo, correndo atrás do que eu entendo ser importante para minha vida profissional.

Esse memorial sintetiza quase tudo que fiz. Ele cumpre um ritual, mas ele também tem um significado especial: possibilitou-me sentar e refletir sobre as mais variadas atividades que fiz até hoje, tanto em nível pessoal como em nível profissional. Há muito que não foi dito, afinal são mais de sessenta anos de vida, são mais de quarenta anos de formação educacional. Ao longo do caminho, muitos detalhes, mas permanece a crença de que sempre será possível resgatar o que de valioso foi omitido.

Aqueles que vierem a ler essa memória, com certeza, saberão mais um pouco de mim, avaliando não só a minha vida profissional, mas entendendo como influências podem moldar cada um de nós, afinal

“Cada um de nós compõe a sua história

Cada ser em si

Carrega o dom de ser capaz

E ser feliz”.